

GOIAS FIEG SESI SISTEMA FIEG SESI SISTEMA FIEG SESI SENAI FIEG SESI SENAI FIEG SESI SENAI FIEG SENAI FIEG SESI SENAI FIEG SENAI FIEG SENAI FIEG SESI SENAI FIEG SENAI FIEG SESI SENAI FIEG SES



ONDE TEM ICQ BRASIL TEM QUALIDADE

Sistema de Gestão da Qualidade (ISO 9001)

Sistema de Gestão Ambiental (ISO 14001)

Sistema de Gestão Integrada

Sistema de Gestão de Obras e Serviços da Construção Civil (PBQP-H / SiAC)

Sistema de Gestão Hospitalar (ONA)

Certificação de Produtos

Mais de 1300 organizações certificadas em todo o país





Instituto de Certificação Qualidade Brasil Seu parceiro para o desenvolvimento

www.icqbrasil.com.br - icqbrasil@sistemafieg.org.br



11 Indústria ganha novo perfil Desembarque de mais uma montadora e

investimentos nos segmentos alcooleiro e farmacêutico alteram perfil da indústria goiana, que ganha espaço na divisão do valor produzido pelo setor em todo o País. Crescimento vigoroso e desconcentração ajudam a aliviar pressões sobre centros urbanos.



Reciclagem do lixo Fórum sobre Coleta Seletiva de

Material Reciclável e Inclusão Social busca caminhos para melhor gestão dos resíduos gerados nas cidades. Fomento a associações e a cooperativas de catadores pode trazer soluções ambientalmente corretas, com grande potencial para geração de empregos e renda.

Produção eficiente A consolidação do arranjo

produtivo local na indústria de confecções, em Catalão, permitiu que o setor superasse gargalos no processo de produção, com maior qualificação de empresários e trabalhadores e ganhos de produtividade. Uma estratégia agressiva de marketing também ajudou a puxar as vendas.





Ganhos para todos Prêmio Sesi de Qualidade no

Trabalho (PSQT), um estímulo ao exercício da responsabilidade social empresarial, bate recorde de inscrições na edição de 2007, com 32 empresas participantes.

SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás Presidente: Paulo Afonso Ferreira Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 / Fax (62) 3229-2975 Home page: www.sistemafieg.org.br E-mail: fieq@sistemafieg.org.br

Núcleo Regional da FIEG em Anápolis Presidente: Waldyr O'Dwyer Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiaí, CEP 75113-630, Anápolis-GO Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565 E-mail: nureaps@sistemafieg.org.br SESI

Serviço Social da Indústria Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira Superintendente: Paulo Vargas E-mail: adm.sesi@sistemafieg.org.br

IEL Instituto Euvaldo Lodi

Diretor Regional: Daniel Viana Superintendente: Paulo Galeno Paranhos Home page: www.ielgo.com.br E-mail: iel@sistemafieg.org.br **SENAI**

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Diretor Regional: Paulo Vargas Home page: www.senaigo.com.br E-mail: senaigo@senaigo.com.br

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil Diretor Regional: Daniel Viana Superintendente: Paulo Galeno Paranhos Home page: www.icqbrasil.com.br E-mail: icq@icqbrasil.com.br

DIRETORIA DA FIEG

PRESIDENTE Paulo Afonso Ferreira

1º VICE-PRESIDENTE Pedro Alves de Oliveira

2º VICE-PRESIDENTE Wilson de Oliveira

3º VICE-PRESIDENTE Ivan da Glória Teixeira

VICE-PRESIDENTES Aluísio Quintanilha de Barros César Helou Flávio Paiva Ferrari Joviano Teixeira Jardim Marley Antônio da Rocha Ubiratan da Silva Lopes Eduardo Cunha Zuppani Luís Antônio Vessani Carlos Alberto Vieira Soares Fábio Rassi

Sávio Cruvinel Câmara Elton Teles de Campos José Luiz Martin Abuli AldrovandoDivinodeCastroJúnior José Magno Pato 1º SECRETÁRIO Hélio Naves

2º SECRETÁRIO Luiz Gonzaga de Almeida

1° TESOUREIRO Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2º TESOUREIRO Antônio de Sousa Almeida

CONSELHO FISCAL Daniel Viana Heno Jácomo Perillo Waldyr O'Dwyer

CONSELHO DE REPRESENTANTES JUNTO À CNI Paulo Afonso Ferreira Sandro Antônio Scodro Mabel

CONSELHO DE
REPRESENTANTES JUNTO À FIEG
Abílio Pereira Soares Júnior
Aldrovando Divino de Castro Júnior
Álvaro Otávio Dantas Maia
Anísio Queiroz de Carvalho Jr.
Antônio Clóvis Carneiro
Antônio de Sousa Almeida
Carlos Alberto Diniz

Carlos Alberto Vieira Soares Carlos José de Moura Júnior Carlos Queiroz de Paula e Silva Carlos Roberto de Araújo Carlos Roberto Viana César Helou Sebastião Elias Barbosa

Cyro Miranda Gifford Júnior Daniel Viana Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Domingos Vilefort Orzil Edmar Sabino Neves Eduardo Cunha Zuppani Elton de Teles Campos Emílio Carlos Bittar Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi Flávio Paiva Ferrari Francisco de Faria Francisco Gonzaga Pontes Frederico Martins Evangelista Henrique Wilhem Morgde Andrade Hélio Naves

Hélio Naves Júnior Humberto Rodrigues de Oliveira Jaime Canedo Jair Rizzi Jerry de Paula

João Essado Joaquim Cordeiro de Lima Jorcelino José Nunes Neto Jorge Luiz Biazuz Meister José Antônio Vitti José Divino Arruda José Luiz Martin Abuli José Magno Pato José Romoaldo Maranhã

José Romoaldo Maranhão Neto José Vieira Gomide Júnior Joviano Teixeira Jardim

Laerte Simão

Leonardo Jayme de Arimatéa Leopoldo Moreira Neto Luiz Antônio Vessani Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Rézio

Mário Drummond Diniz Marley Antônio Rocha

Mário Renato Guimarães Azeredo Nelson Pereira dos Reis Onofre Andrade Pereira Paulo Afonso Ferreira Pedro Alves de Oliveira Rodrigo Penna de Siqueira Sandro Antônio Scodro Mabel Sávio Cruvinel Câmara Segundo Braoios Martinez Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade Wellington Soares Carrijo Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS E INSTITUIÇÕES

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Presidente: Ivan da Glória Teixeira Vice-Presidente: Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Meio Ambiente Presidente: Henrique W. Morg de Andrade Vice-Presidente:DomingosSávioGomesdeOliveira

Conselho Temático de Infra-Estrutura Presidente: José Rodrigues Peixoto Neto Vice-Presidente:Roberto Elias de Lima Fernandes

Conselho Temático de Política Econômica Presidente: Beyle de Abreu Freitas Conselho Temático de Relações do Trabalho Presidente: Hélio Naves

Vice-Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa Presidente: Humberto Rodrigues de Oliveira Vice-Presidente: Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social Presidente: Antônio de Souza Almeida Vice-Presidente: Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócio Presidente: Segundo Braoios Martinez Vice-Presidente:IgorMontenegroCelestinoOtto Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais Presidente: Ronaldo Jair Sales Vice-Presidente: Alberto Borges

Conselho Temático de Jovens Industriais Presidente: Alexandre Costa Vice-Presidente: Marduk Duarte

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) Representante Fieg: Melchíades da Cunha Neto

Rede Metrológica Goiás Presidente: Heribaldo Egídio





Direção José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo Joelma Pinheiro

Edição Lauro Veiga Filho

Subeditor Dehovan Lima

Reportagem:AndelaidePereira,CéliaOliveira,Geraldo Neto,DéboraMariaOrsida,HenriqueFonseca,Jávier Godinho,DorothyMenezes,FernandaGuirra,Heloísa Lima e Naiara Gonçalves Colaboração: Welington da Silva Vieira Fotografia: Sílvio Simões Diagramação, Produção e Publicidade: ND Editora e Publicidade Ltda. Rua 1034, nº 49, Setor Pedro Ludovico 74823-190 - Goiânia-GO Fone: (62) 3255-6262 E-mail: nd@ndeditora.com.br

Fotolito: Oficina de Arte Impressão: Gráfica Kelps (Asa Editora)

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade deseusautores en ão refletem necessariamente a opinião da revista



Deus ajuda quem trabalha

Paulo Afonso Ferreira

uando os pioneiros da industrialização goiana fundaram a Federação das Indústrias do Estado de Goiás, em dezembro de 1950, instalando-a em maio de 1952, por maior visão, idealismo e otimismo que tivessem, jamais imaginariam o estágio atual desse setor produtivo em Goiás, responsável por 35% do PIB e com mais de 200 mil empregos formais. Os cinco sindicatos que a constituíram representavam a desoladora realidade de nossas principais e incipientes áreas industriais de então: da construção e mobiliário, da confecção de roupas

de homem, de calçados, de alimentação e gráficas. Fora dessa realidade, só o sonho.

Uma conhecida norma de sabedoria popular explica o sucesso de hoje: Deus ajuda quem trabalha. O trabalho, desde logo, se tornou marca registrada da Fieg, que nos últimos 55 anos participou intensamente de todas as iniciativas em busca da industriali-

zação, nos setores privado e público. Quando surgiu a Fieg, faltava o essencial, que é a eletricidade, da qual o Estado só começou a dispor na segunda metade da década de 50, com a inauguração da pequena Usina do Rochedo e da primeira etapa de Cachoeira Dourada, além da recém-criada Centrais Elétricas de Goiás S.A. (Celg)). Com a participação ativa da Fieg, surgiu em 1958 a Lei 2.000, a primeira de incentivos fiscais, e veio a criação da Carteira de Desenvolvimento do Banco do Estado de Goiás (BEG), em 1972.

A aceleração do processo começou modestamente

em 1977, com o Banco de Desenvolvimento de Goiás e a implantação do Daia, em 1978, para avançar com o Fomentar, em 1984, e deslanchar com o Produzir, em 2000. Somem-se a eles o crescimento da produção de grãos e a implantação de distritos industriais, até chegarmos à animadora realidade dos nossos dias: oficialmente, nos últimos oito anos, aprovados 1.210 projetos de instalação ou ampliação de indústrias, geradoras de 134 mil empregos, com investimentos

tar estão apresentados nesta edição da Goiás Industrial. São números e dados surpreendentes, relacionados a empreendimentos dos mais diferentes tipos, da produção de moda à de remédios, de minérios à uma segunda fábrica de automóveis.

Mas, em termos de desenvolvimento, nada está definitivamente pronto e acabado e chegou a hora de se aprimorar o Produzir, para a

consolidação definitiva do parque industrial goiano. É uma exigência para agregação de valores a nossas matérias-primas, inovação constante de tecnologias e salto de qualidade, com prioridade para áreas estratégicas, no fortalecimento das cadeias produtivas e apoio maior ao empreendedorismo voltado para nossa vocação econômica. Em todo esse processo, o Sistema Fieg - Federação, Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil –, em permanente aprimoramento, tem muito a oferecer, na sua tradição de trabalho e sintonia com

diretos de quase R\$ 18 bilhões. Alguns desses frutos do Produzir e do Fomen-"O trabalho, desde logo, se tornou marca registrada da Fieg, que

Goiás Industrial 5 Maio/Junho 2007

os anseios empresariais.

nos últimos 55 anos

participouintensamente

detodasasiniciativasem

buscadaindustrialização"

A "Super-Embrapa" e o "tchinami"

O avanço acelerado da economia chinesa e todas as suas conseqüências para a economia mundial, Brasil incluído, criam desafios e oportunidades únicas para o País. Muito certamente, avalia o economista João Furtado, coordenador do Diretório da Pesquisa Privada e do Observatório de Estratégias para a Inovação e professor do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), alguns setores da indústria não sobreviverão ao que chama de "tchinami" – mistura de China com tsunami, ondas gigantescas que varreram o sudeste da Ásia há três anos.

A solução estratégica para enfrentar o fenômeno chinês, aponta Furtado, em entrevista à **Goiás Industrial**, passa pela reconversão de setores-chave, como o complexo metal-mecânico, com incorporação acelerada de ciência, tecnologia e conhecimento, gerando capacidade para inovar. A mesma receita vale para a agricultura e a pecuária, hoje favorecidas pelo boom chinês. Parte dos ganhos alcançados neste momento, diante da elevação dos preços das commodities, defende Furtado, deveria ser direcionada para um fundo, que trataria de financiar essa reconversão. O processo, no entanto, deve ocorrer de forma integrada, sob o comando de uma "Super-Embrapa".



Goiás Industrial – Como tem caminhado o investimento em inovação no País?

João Furtado - No caso brasileiro, pode-se aplicar aquela história do copo d'água pela metade. Muita gente vê o copo meio vazio e outros preferem ver o copo meio cheio. Vejo de uma outra forma: o copo, no caso da inovação, está meio vazio, mas tem água suficiente para alimentar uma trajetória positiva no desenvolvimento do Brasil. Nem sempre isso é reconhecido de forma adequada. Estamos numa região do País que é produto da capacidade de inovação brasileira. Nos tempos dos nossos avós, o Centro-Oeste era uma terra de saúva e hoje ela compete com vantagens com a agricultura mais desenvolvida do mundo, que inventou a agricultura moderna, que é o Meio-Oeste americano. Isso não ocorre por acaso, não é obra de Deus, não é obra da natureza. É resultado da conjunção de fatores positivos, alguns naturais, outros criados pelo conhecimento, pela ciência brasileira. O exemplo mais eloquente disso é que as pessoas dizem que o Brasil possui condições edafoclimáticas

adequadas à soja e que por isso tem alta produtividade. O que não é verdade. A soja odeia sol. Nós a ensinamos a tomar sol. A ciência brasileira ensinou a soja a aprender a tomar sol e hoje ela cobre o território nacional. Todas as sementes de soja brasileiras são inoculadas por três microorganismos, chamados rizóbios, produtos da pesquisa desenvolvida por uma senhora, que deveria ter seu nome em dezenas de escolas brasileiras, em todos os níveis. Temo que, se perguntarmos, mesmo pessoas esclarecidas não saberiam responder quem foi Joana Doberainer (pesquisadora da Embrapa).

Goiás Industrial – Qual a importância da pesquisadora para a agricultura brasileira?

João Furtado – Ela foi uma cientista tcheca que fez pesquisas no Brasil desde o final dos anos 40, início dos anos 50, e que criou o método de inoculação da soja com microorganismos, o que permite economizarmos, por ano, muito mais do que US\$ 1 bilhão em adubos, além dos impactos positivos sobre o meio ambiente decorrentes do fato de não ser preciso a utilização de nitrogênio na adubação. Os microorganismos fazem a fixação natural do nitrogênio do ar na planta, permitindo o seu crescimento.

Goiás Industrial – Você pretende demonstrar...

João Furtado – Quero dizer o seguinte: temos ciência, tecnologia e conhecimento, no Brasil, em coisas que não reconhecemos como tecnológicas. E, portanto, uma parte do copo que imaginávamos vazia, na verdade, é de água que já bebemos e da qual nos alimentamos.

Goiás Industrial – Como ocorreu esse avanço?

João Furtado – A maior parte dos avanços conseguidos no setor agrícola é resultado de uma obra coletiva que envolveu muitos outros setores. A agricultura brasileira não seria o que é sem o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que reconhece, do espaço, o que acontece na Terra. Então temos o que há de mais avançado em pesquisa espacial subsidiando a decisão do agricultor. Cada vez mais esses avanços são concatenados, organizados sistemicamente, envolvendo a química, biologia fundamental, genômica, informática, matemática.

bíamos o que era uma China voltada para o mundo, crescendo a taxas fabulosas, alimentando a prosperidade de muitas regiões do mundo e, ao mesmo tempo, determinando a decadência de muitas outras regiões. Esse fenômeno de proporções monumentais nos oferece algumas oportunidades e uma grande ameaça – a de confiarmos que os preços agrícolas dos recursos naturais continuarão su-



"Nocasodainovação, ocopoestámeio vazio, mas tem água suficiente para alimentar uma trajetória positiva no desenvolvimento do Brasil"

Goiás Industrial – Isso mostra que tecnologia está presente no diaa-dia das pessoas e que não é exatamente um bicho de sete cabeças.

João Furtado – Quero dizer que as grandes inovações raramente decorrem de grandes sacadas. Quase sempre são monumentais obras coletivas. Posso dar um exemplo da História para que todos entendam melhor. A difusão da eletricidade não dependeu apenas do gerador, da linha de transmissão, da distribuição ou da lâmpada. Nada disso poderia ter sido desenvolvido se não houvesse um "aparelhinho" minúsculo chamado medidor. Sem o medidor, a eletricidade não teria vencido. Por quê? Porque não tem negócio sem o medidor.

Goiás Industrial – Falta essa articulação no Brasil, na área de inovação?

João Furtado – Estou defendendo a idéia, e isso é especialmente verdadeiro numa região tão próspera como a Centro-Oeste, de que os próximos passos terão que ser cada vez mais organizados a partir dessa visão sistêmica, coordenada, articulada. Estamos, hoje, recebendo algumas das benesses da euforia chinesa, na verdade, uma vaga econômica de dimensões fabulosas que tenho chamado, numa expressão brincalhona, de "tchinami". Há dez anos, não sa-

bindo. Podemos nos esconder atrás de empreendimentos que não são tão bons simplesmente porque os preços estão subindo.

Goiás Industrial – Qual é a estratégia a ser adotada?

João Furtado – Este é o momento de fazermos um grande esforço em direção daquilo que poderíamos chamar de uma "Super-Embrapa". Uma parte da bonança dos preços agrícolas deveria ser imediatamente canalizada para produzila. O que pode ser feito por meio de uma rede no País ou nos Estados, coordenada estadualmente e nacionalmente. O modelo pode ser discutido, mas uma parte dos efeitos dessa bonança, com alta dos preços das commodities, deveria ser transferida para construir as bases futuras.

Goiás Industrial – A Embrapa deverá investir, nos próximos cinco anos, em torno de R\$ 50 milhões em pesquisas com a agroenergia, diante de US\$ 1,6 bilhão reservados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos para o setor. Há uma discrepância imensa entre esses números.

João Furtado – Tenho um amigo que foi para os EUA conversar com muitas pessoas do setor. Um dos entrevistados por ele disse o

seguinte: "We work under no economic restriction". O que significa que não há restrições econômicas para fazer pesquisas no setor de bioenergia. Se o projeto é bom, o dinheiro é aplicado. Apenas para o setor de acúcar e álcool, base principal de nossa agroenergia, este número de R\$ 50 milhões representa menos de 0.1% – quer dizer, um em cada mil - do faturamento desse setor. Conheco um projeto de pesquisa genômica que precisa, digamos, de R\$ 35 milhões a R\$ 40 milhões. Esse projeto poderá aumentar o teor de sacarose na cana-de-acúcar de 13,5% para 14,5%. Para simplificar as contas,

Goiás Industrial - Há o risco de o País perder essa corrida pela segunda geração do etanol?

João Furtado - Acho que, hoje, esse é o risco mais provável. A tradição do "deitado em berço esplêndido" se aplica, neste caso, enormemente. Porque, confiante em sua liderança (no setor de etanol), o País está tomando decisões erradas, viabilizando projetos inviáveis por meio desse preço. O Brasil está confiando que a velocidade dos EUA e de outros países nesse assunto é uma velocidade incremental, quando não é. Eles não estão trabalhando para melhorar o desempenho no setor, estão

celentes condições de clima e solo. Isso não é suficiente para jogar esse jogo, que não é dado por fatores táticos, mas por fatores dinâmicos: quanto conhecimento você tem, quanto você é capaz de produzir, quanto você produziu e protegeu em patentes sólidas.

Goiás Industrial – Qual seria, neste caso, um projeto para o País, quais seriam as metas adequadas?

João Furtado - Proporia, provisoriamente, o seguinte mecanismo: o sobrepreço que a China criou para os produtos que exportamos representa um ganho vindo do céu, uma dádiva. Esse "negócio da China" deveria ensejar, imediatamente, a criação de um fundo de desenvolvimento científico e tecnológico voltado para a consolidação desse agronegócio em bases modernas. Deveríamos estabelecer metas do seguinte tipo: em cinco anos, ter plantas comercialmente factíveis, prontas para mudar a produtividade do setor em 20%, 30%, 40%. Deveríamos ser capazes de produzir cana, ao mesmo tempo, para açúcar, via caldo ou hidrólise; deveríamos ser capazes de construir processos biotecnológicos de fermentação alternativos àqueles que serão desenvolvidos no restante do mundo, porque, mesmo que não sejam tão eficientes quanto, serão importantes para cons-

truir uma posição negociadora.

Goiás Industrial - A mesma linha de atuação não se aplicaria ao restante do agronegócio?

João Furtado – Já que estamos falando do agronegócio, por que a carne brasileira tem de ser exportada como commodity se temos todas as condições técnicas, econômicas, sanitárias e institucionais de produzir carne de primeira qualidade? Por que temos que vender a tonelada de carne a US\$ 1,2 mil quando há mercados que pagam US\$ 3 mil? Isso tem que ser uma nota ao mesmo tempo da ciência brasileira, da tecnologia, da política industrial, agrícola, comercial e sanitária. Isso tem de formar



"Quero dizer que a grande inovação raramente de correde grandes sacadas. Quase sempre as grandes inovações são monumentais obras coletivas"

isso significa produzir o equivalente a 540 mil hectares de cana nova. Estaria preservando 540 mil hectares ou aumentando a produção nessas proporções.

Goiás Industrial – Esse projeto está caminhando?

João Furtado - Anda devagar, muito devagar. O Brasil formou competências científicas, motivou-as a se interessarem pelos seus problemas. Estimuladas pelos interesses brasileiros, essas competências criaram conhecimento para gerar uma nova cana. Essa nova espécie tem não só esse potencial - estou falando apenas de uma pesquisa genômica -, mas a mesma pesquisa pode produzir cana com capacidade de resistir ao estresse hídrico ou de produzir muito mais biomassa do que sacarose, porque por meio de hidrólise, no futuro, será possível recuperar as cadeias de carbono da celulose para produzir mais álcool e mais açúcar. Todo esse processo é produto da ciência brasileira. Pode-se fazer isso, mas não gastando R\$ 50 milhões.

construindo outras bases para o desenvolvimento no futuro. E fazendo isso conciliando ciência com direito. Os microorganismos que fizerem a hidrólise do material celulósico serão patenteados, serão produto de uma engenharia genética sofisticada e você pagará direitos por isso. Poderemos até possuir a cana mais produtiva do mundo, uma grande vantagem que temos, mas talvez tenhamos que pagar royalties pelos processos industriais de transformação nesse setor. Não estou dizendo que o Brasil deveria ignorar a ciência mundial e fazer sua própria ciência. Mas, se você não se sentar à mesa com cartas altas, não joga. Você só terá direito às patentes de outros países, em condições adequadas, se tiver conhecimento e patentes brasileiras igualmente fortes, capazes de ser moedas de troca.

Goiás Industrial - No caso, jogar com cartas altas significa dispor de processos e produtos que tenham relevância?

João Furtado - Exatamente. Esta é a carta alta. Ela não pode ser nossa extensão territorial ou as ex-

um sistema articulado. Estamos em uma região (Centro-Oeste) onde isso seria mais fácil de se fazer por razões evidentes. Mas é preciso ter liderança e agilidade, porque, além de construir estradas, que são fundamentais, e implantar infra-estrutura - tudo isso é muito importante -, o desafio é construir as bases invisíveis desse setor no futuro. As bases invisíveis são o conhecimento. Significa colocar "Joanas Doberainer" em cada um dos segmentos do agronegócio, de forma coordenada, articulada. Recurso para isso existe. Bastaria capturar 3%, 5% do valor dessa margem que foi criada pelo boom chinês e destinar a um fundo para financiar a construção do futuro para o setor. O que não é possível é confiar que a natureza valerá para sempre e imaginar que vamos nos beneficiar indefinidamente de uma prosperidade criada pela China e que os chineses teriam como controlar esse processo.

Goiás Industrial – De que forma?

João Furtado — Digo controlar no seguinte sentido: o Ocidente abandonou a África à própria sorte; a China levou a Beijin 32 técnicos de países africanos, fez uma reunião de cúpula com esse pessoal e firmou acordos de cooperação para desenvolver os setores de recursos naturais em todos aqueles países. Isso significa que, em breve, num intervalo que pode ser de dez anos, 15 anos, não mais do que isso, poderemos ter, para cada uma das commodities importantes que a China importa, novas fontes de suprimento.

Goiás Industrial – O senhor citou no início da entrevista a questão do agronegócio e o crescimento das exportações no setor. Para alguns analistas, a indústria do País estaria enfrentando um processo de especialização precoce em setores mais ligados a commodities agrícolas e minerais, com certa desindustrialização em segmentos mais tradicionais. Como o senhor analisa essa questão?

João Furtado - Responderei em dois planos. O primeiro refere-se ao debate sobre o assunto como ele tem sido colocado atualmente. O segundo, à resposta possível do Brasil a este momento. A Inglaterra demorou 150 anos para se tornar uma potência mundial. A China começou as reformas em 1972. Em menos de 25 anos, se transformou na maior potência industrial do mundo. Estamos falando de um país que tem 1,5 bilhão de pessoas. Quando a Inglaterra comandou a indústria no mundo tinha 30 milhões de habitantes. Quando os Estados Unidos passaram a comandar o mundo, na primeira metade do século 20, tinham entre 100 milhões e 150 milhões de pessoas, ou pouco mais do que isso. Nenhuma indústria no mundo será como era antes da emergência da China, pois ela não é um detalhe, é um mundo novo. Esta é a dimensão, é um "tchinami", um movimento de dimensões colossais. Você demora 20 anos para acumular capa-

encolherão, e muitas vão encolher, terão que ser compensadas por uma projeção global do Brasil nas suas áreas de excelência.

Goiás Industrial – Essas áreas estão estabelecidas com clareza hoje ou ainda há a necessidade de definir quais são elas?

João Furtado – A meu ver, estão totalmente por ser definidas. Estamos gastando velas com defuntos, não estamos gastando vitaminas com atletas vencedores. Deveríamos estar preocupados em levar ao processo de reconversão mais rápido das atividades que têm menores chances de sobrevivência e nas que têm mais chances de sobrevivência.

Goiás Industrial – Quais setores deveriam liderar esse processo de reconversão?

João Furtado – Coloco três grandes áreas. A primeira ligada à



"Quem é que está construindo a prosperidade de amanhã? Onde estão os recursos para alimentar a ciência, a tecnologia e o conhecimento brasileiro em direção a novos produtos e processos?"

cidade competitiva na indústria de calcados. A China importa 800 técnicos calcadistas brasileiros, constrói um bairro brasileiro lá, monta fábricas que são cinco a dez vezes maiores do que as maiores fábricas brasileiras. Nesse processo, alguns setores da indústria vão morrer. Não existe possibilidade de concorrência. Existe possibilidade de definir coisas que sejam capazes de reunir o melhor do Brasil, que não é commodities. O melhor do País é o que reúne a abundância de recursos naturais com a qualidade da ciência, da tecnologia, do tecido empresarial e dos trabalhadores brasileiros.

Goiás Industrial – O que fazer com as áreas que deverão sair como perdedoras nesse processo?

João Furtado - As áreas que

agricultura e pecuária, baseada em conhecimento, ciência, tecnologia e inovação. Não falei a expressão agronegócio. Refiro-me a uma única coisa, que só tem sentido do começo ao fim, que é agricultura e pecuária baseadas em ciência, tecnologia e conhecimento. É este todo, não um pedaço dele, incluindo biotecnologia e genoma. O segundo pedaço é um setor metal-mecânico dinamizado por tecnologias modernas, sobretudo nanotecnologia. O complexo metalmecânico brasileiro é uma fortaleza, mas ou ele se reconverte rapidamente e incorpora aceleradamente ciência, tecnologia e inovação ou estará ameaçado em breve. A terceira dimensão, a meu juízo fundamental, é a identificação de oportunidades para o Brasil a partir das necessidades do País.

SINDICATOS COM SEDE NA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS - FIEG Av.Anhanguera,nº5.440,EdifícioJoséAguinoPorto,PaláciodaIndústria,Centro,Goiânia-GO,CEP74043-010

Sindicatodas Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel Fone(62)3224-4253/Fax3224-9226-siaeg@terra.com.br

SindicatodasIndústriasExtrativasdoEstadodeGoiás e do Distrito Federal Presidente: Nelson Pereira dos Reis Fone (62) 3212-6092/Fax 3212-6092 sieeg@sistemafieg.org.br

Sindicatodas Indústrias Gráficas no Estado de Goiás Presidente: Antônio de Sousa Almeida Fone (62) 3223-6515/Fax 3223-1062 sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicatodas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás Presidente: Hélio Naves Fone/Fax(62)3224-4462-contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

SindicatodasIndústriasdeMaterialPlásticonoEstado

Presidente: Mário Drummond Diniz Fone (62) 3229-2427/Fax 3224-5405 simplago@sistemafieg.org.br

SindicatodasIndústriasdeRochasOrnamentaisdo Estado de Goiás Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva Fone/Fax (62) 3223-6667

SINCAFÉ

SindicatodasIndústriasdeTorrefaçãoeMoagemde Café no Estado de Goiás Presidente: Sávio Cruvinel Câmara Fone (62) 3212-7473/Fax 3212-5249 sincafe@sistemafieg.org.br

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás Presidente: Carlos Alberto Diniz Fone/Fax (62) 3223-6667

SindicatodasIndústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás Presidente: Daniel Viana Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF Presidente: Fábio Rassi Fone/Fax (62) 3223-6667 sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

SindicatodasIndústrias de Calçados no Estado de Presidente: Flávio Ferrari Fone (62) 3225-6412/Fax 3225-6402

sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

SindicatodasIndústriasdeCarneseDerivadosno Estado de Goiás e Distrito Federal Presidente: José Magno Pato Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521 sindicarne@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás Presidente: João Essado Fone (62) 3213-4900/Fax 3212-3970 sindicurti@uol.com.br

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás Presidente: José Luiz Martin Abuli Fone (62) 3225-7888 sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

SindicatodasIndústrias de Laticínios no Estado de Goiás Presidente: César Helou Fone (62) 3212-1135/Fax 3212-8885 sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

SindicatodasIndústriasdePanificaçãoeConfeitaria no Estado de Goiás Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida Telefax (62) 3225-1016 sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

SindicatodalndústriadeReparaçãodeVeículose Acessórios no Estado de Goiás Presidente: Aldrovando Divino de Castro Júnior Fone(62)3224-0121-sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás Presidente: Carlos Alberto Vieira Soares Fone/Fax (62) 3224-7296 sindmoveis@sistemafieq.org.br

SINDTRIGO

Sindicatodos Moinhos de Trigoda Região Centro-Presidente: André Lavor Pagels Barbosa Fone(62)3223-9703-sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicatodas Indústrias de Calcário, Cale Derivados no Estado de Goiás Presidente: José Antônio Vitti Fone/Fax (62) 3223-6667 sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIM

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás Presidente: Marley Antônio da Rocha Fone (62) 3224-0456/Fax 3224-0338 siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA

Sindicatodas Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás Presidente: Eduardo Cunha Zuppani Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074 sinquifar@sistemafieg.org.br

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás Presidente: José Divino Arruda Fone/Fax (62) 3225-8933 sinvest@sistemafieg.org.br

SINDICATOS COM SEDE EM OUTROS ENDEREÇOS

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás Presidente: Pedro Alves de Oliveira RuaT-45.nº60-SetorBueno-CEP74210-160-Goiânia-GO Fone(62)325l-3166/Fax325l-3691-siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar

no Estado de Goiás Presidente: Segundo Braoios Martinez Presidente-Executivo:laorMontenearoCelestinoOtto

RuaC-236,nº44-JardimAmérica-CEP74290-130-Goiânia-GO Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SindicatodasIndústriasdeFabricaçãodeÁlcoolnoEstado de Goiás

Presidente: Segundo Braoios Martinez

Presidente-Executivo:IgorMontenegroCelestinoOtto Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 -Goiânia-GO

Fone(62)3274-3133e(62)3251-1045-sifaeq@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano Presidente: Wellington Soares Carrijo RuaCostaGomes,nº143-JardimMarconal-CEP75901-550 - Rio Verde - GO Fone/Fax (64) 3613-4810

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia Presidente: Frederico Martins Evangelista Rua1.137,nº87-SetorMarista-CEP74180-160-Goiânia-GO Fone/Fax (62) 3092-4477 - agicon@agicon.com.br

SINDUSCON-GO

SindicatodaIndústriadaConstruçãonoEstadodeGoiás Presidente: Joviano Teixeira Jardim RuaJoão de Abreu, nº 427 - Setor Oeste - CEP 74120 - 110 - Goiânia- GO Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

SINDICATOS COM SEDE EM ANÁPOLIS

Av. Engo Roberto Mange, no 239-A, Jundiaí, Anápolis / GO CEP 75113-630 Fone/Fax (62) 3324-5768 e 3311-5565 e-mail: sind.industria@terra.com.br

SIAA

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis Presidente: Wilson de Oliveira

Sindicatodas Indústrias da Construção edo Mobiliário de Anápolis Presidente: Ubiratan da Silva Lopes

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis Presidente: Elton de Teles Campos

SindicatodasIndústriasdeCerâmicanoEstadodeGoiás Presidente: Laerte Simão

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis Presidente: José Vieira Gomide Júnior

Novos rumos para a indústria

Setores tradicionais, como a produção de alimentos, e novos, incluindo medicamentos, investem em modernização e diversificação

inda fortemente concentrada em setores intensivos em recursos naturais, com destaque para grãos e minérios, a indústria de Goiás ensaia, em anos mais recentes, um movimento de desconcentração regional, ainda de forma tímida, e de diversificação setorial, com maior agregação de valor à produção primária, segundo diagnóstico recentemente produzido por uma equipe de economistas reunidos para formular novas diretrizes para a política industrial e tecnológica do Estado.

O vigoroso crescimento industrial experimentado pelo Estado ao longo dos últimos anos, analisa o coordenador técnico da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Welington da Silva Vieira, vem ocorrendo de forma mais desconcentrada, beneficiando novas regiões. Essa tendência, prossegue, evita o acúmulo excessivo de pressões nos maiores centros urbanos, aliviando tensões econômicas e sociais relacionadas a um incremento desmedido de demandas naquelas áreas.

"O parque industrial goiano está consolidado, como demonstram a chegada da segunda montadora de veículos, implantada em Anápolis, e os investimentos recentemente confirmados por diversos setores, com destaque para o setor mineral, onde apenas a Anglo American aplicará US\$ 1,2 bilhão no Projeto Barro Alto", reforça o empresário Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg.

Ele identifica no trabalho desenvolvido pelas entidades de classe, em parceria com o governo estadual, uma boa cota de responsabilidade



Daia: segunda montadora do Estado renova perspectiva de maior diversificação no setor industrial

pela abertura das portas da economia goiana a investimentos, "atendendo às necessidades das empresas". A concessão de incentivos, diz, entra como uma das variáveis nessa equação, compensando investidores por custos relativos mais elevados em função das distâncias em relação aos principais mercados consumidores e de deficiências no setor de infra-estrutura ainda longe de serem sanadas.

"O Sistema Fieg, por meio do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, participou desse processo desde o seu nascedouro, numa atuação pró-ativa que busca antecipar soluções e facilitar trâmites burocráticos em órgãos do governo e secretarias estaduais", resume Paulo Afonso. A formalização do Fórum das Entidades Empresariais, arremata, agregou massa crítica à política de parcerias com o setor público, numa iniciativa focada em resultados, "acima de eventuais diferenças entre as diversas entidades".

Preparado pelo grupo de trabalho constituído no final do ano passa-

do, com participação de assessores das secretarias de Indústria e Comércio, Fazenda, Planejamento, Agricultura, Ciência e Tecnologia e Comércio Exterior, além de um representante da Procuradoria Geral do Estado (PGE), o documento Diretrizes de Política Industrial e Tecnológica traça uma análise do avanço da industrialização nas últimas décadas e desenha o perfil do setor industrial hoje. A agroindústria surge como principal ator nesta área, com destaque para os complexos de processamento de grãos, carnes, lácteo, de processamento de tomate e o sucroalcooleiro.

A aceleração do crescimento industrial em Goiás dá-se no início da década de 1990, acentuando-se de forma mais agressiva a partir do final daquele período, aponta a versão original do documento. A estrutura industrial inicialmente instalada no Estado, continua a equipe governamental, derivou, portanto, do processo de modernização conservadora da agropecuária e da grande mineração,

com "oportunidades bastante limitadas de inclusão da pequena produção rural e urbana".

Nova etapa – A fase mais recente desse processo, que contemplou uma política de incentivos fiscais ligeiramente mais seletiva do que a empregada até 1999, com foco no estímulo à verticalização, à agregação local de valor à produção primária e à redução das disparidades regionais, permitiu um crescimento proporcionalmente mais equilibrado, com expansão de empregos em maior velocidade do que a média brasileira. Entre 1999 e 2004, dado mais recente divulgado, o Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás avançou a uma taxa média anual de 4,4% enquanto o restante do País crescia, também em média, 2,6% ao ano.

A participação do setor industrial no PIB goiano saltou de 28,7% em 1998 para 35,5% em 2004, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O documento destaca ainda o comportamento do emprego industrial naquele período, com crescimento acumulado de 74,85% (de 80,272 mil para 140,358 mil vagas entre 1998 e 2005, segundo dados da RAIS trabalhados pela área técnica da Fieg).

A mesma série histórica mostra, no entanto, uma tendência à concentração do emprego nos três setores de atividade que mais se destacaram num período mais recente. A indústria de



Igor Montenegro, do Sifaeg: mercado interno concentra 85% das vendas do setor alcooleiro



Anglo American: investimentos de US\$ 1,2 bilhão em Barro Alto

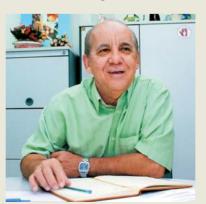
produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, o setor têxtil, de vestuário e artefatos de tecidos e a indústria de fabricação de produtos químicos, farmacêuticos, veterinários e de perfumaria, pela ordem, responderam por 46,3%, 13,5% e 16,6%, somando 76,4% do crescimento do emprego industrial naqueles sete anos, com destaque para o salto de 139% no segmento de produtos químicos e de 81,3% para o setor de alimentos e bebidas.

Considerados de forma desagregada, o trabalho aponta aumento de 300% no total de empregos gerados na indústria de carne, três vezes mais do que a média brasileira, além de incremento de 233% no setor de óleos vegetais (apenas 40% na média do restante do País), mais 261% na indústria de álcool (60,4% de avanço na média nacional) e 132,7% para o total de empregados na indústria de processamento de verduras e legumes (diante de 64,7% na média do País). Ainda como exemplos na mesma li-

nha, verificou-se crescimento expressivo para o número de empregos nos setores farmacêutico (mais 562% entre 1998 e 2005), de cosméticos (mais 553%), embalagens de papel (279%) e plástico (160%).

Na liderança da pauta de exportações do Estado, com participação superior a 40% no total exportado por Goiás no ano passado, o que significou embarques em torno de US\$ 858,7 milhões, o complexo soja acumulou crescimento de 117% em sua capacidade instalada entre 2001 e 2006. A indústria goiana, que poderia processar 8,66 mil toneladas por dia em 2001, representando 8% da capacidade brasileira, saltou para 18,8 mil toneladas diárias do grão (13,1% do total nacional). O incremento elevou o Estado ao quarto maior parque de esmagamento de soja do País.

Renda e pobreza – Como diferencial não desprezível, lembra a equipe governamental, houve melhoria nos indicadores de pobreza e de distribui-



Alfredo Correa, do Sindileite: Estado importa matéria-prima para processamento



Ivan Teixeira: indústria farmacêutica investe R\$ 170 milhões em 2006 e 2007

ção da renda. Numa primeira fase, observada até o final dos anos 80, reflexo da chamada "modernização conservadora" da agricultura goiana, o índice de Gini, utilizado para medir o nível de concentração da renda, havia se aproximado de 0,61 (quanto mais próximo de um, maior a desigualdade), depois de sair de pouco mais do que 0,56 em 1981. Entre 1995 e 2005, o índice tem se mantido abaixo de 0,56.

O porcentual de pessoas com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 75,50 também baixou de 42% da população total no Estado para 21% entre 1981 e 2005, depois de atingir 30% em 1995. Para a média do restante do País, o total de pobres experimentou recuo muito mais brando, passando de 41% da população total, índice um ponto abaixo da taxa observada em Goiás em 1981, para 31% em 2005 – ou seja, dez pontos porcentuais acima do índice coletado no Estado.

Cenário nacional – Outras estatísticas parecem reforçar os argumentos do governo, embora ainda sinalizem para uma concentração aparentemente não desejada da atividade industrial em Goiás. A Pesquisa Industrial Anual (PIA), realizada anualmente pelo IBGE, indica que a participação goiana no cenário brasileiro tem avançado, confirmando taxas de crescimento na média superiores àquelas verificadas para a indústria em todo o País.

Num horizonte mais longo do que aquele considerado pelo grupo de trabalho criado pelo governo estadual para rever a política de incentivos fiscais, a PIA mostra, por exemplo, que o total de empregos no setor industrial cresceu em ritmo mais modesto do que os demais indicadores, ainda que a posição do Estado tenha sido reforçada. Na comparação entre 2005, dado mais recente liberado pelo IBGE, e 1996, o total de estabelecimentos industriais aumentou 72,86% em Goiás (de 2.621 para 4.513), diante de um avanço de



Welington Vieira: crescimento desconcentrado reduz pressão sobre centros urbanos

33,5% em todo o País. Por conta desse desempenho, em 2005, Goiás passou a contar com 2,74% de todas as indústrias do País, diante de 2,12% em 1996 e 2,5% em 1999.

A receita líquida de vendas aumentou quase seis vezes no Estado, pulando de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões, em valores nomi-

nais. Na ponta do lápis, uma variação acumulada de quase 479% em nove anos, enquanto as vendas da indústria no restante do País cresciam "apenas" 246%. A fatia da indústria goiana na receita líquida de todo o setor avançou de 1,23% em 1996 para 1,72% em 1999 até atingir 2,05% há dois anos. Com a chegada de novas indústrias, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American (Projeto Barro Alto), e a expansão de outras, a exemplo da Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais, essa participação deverá indicar novos incrementos nas pesquisas seguintes.

O valor da transformação industrial (VTI) cresceu igualmente em ritmo mais acelerado do que o restante do País, acumulando variação de 372,5% em Goiás (perante a 218,5% na indústria brasileira como um todo). Isso fez com que a participação da indústria goiana no VTI de todo o setor no País pulasse de 1,12% para 1,66% entre 1996 e 2005.



Avenida Pedro Alves Teixeira, quadra 2, lote 11, Setor Vale das Goiabeiras

Inhumas/GO - (62) 3514 2181 / (62) 8412 4693 - jcgrr@ig.com.br

Caminhos do setor em Goiás

s esforços para diversificar a indústria no Estado não parecem surtir, até aqui, os resultados esperados. A atividade industrial continua concentrada, com modesta variação na primeira metade desta década. Até 1996, a indústria de alimentos e bebidas representava 46,8% do valor da transformação industrial no Estado, com a fatia engordando para 55,4% em 1999. Desde então, houve ligeira tendência de desconcentração, já que a participação do setor recuou para 51,3% em 2005.

A indústria de alimentos passou a representar 39,8% do total de empregados na indústria, diante de 33,3% em 1999. Mas sua participação na receita líquida, que havia saído de 59,7% para 64,2% entre 1996 e 1999, recuou para 58,4% em 2005. Na geração de empregos, um dos destaques vai para o setor de fabricação de produtos químicos (que engloba desde fabricantes

de adubos, fertilizantes e suas matérias-primas a processadoras de medicamentos), que saltou de uma participação de 5,7% em 1996 para 9,5% em 2005. Mas continuou representando 11,7% do valor da transformação.

Nesta área, dois segmentos anotaram os maiores avanços, proporcionalmente. A metalurgia básica, que representava menos de 4% do valor da transformação, teve sua fatia ampliada para 6,1%. Os fabricantes e montadores de veículos automotores, reboques e carrocerias, de seu turno, cresceram quase 70 vezes, com o valor da transformação pulando de R\$ 5,294 milhões em 1996 para R\$ 368,491 milhões em 2005. Em relação ao total da indústria, a participação do segmento avançou de 0,3% para 4,3%.

Coordenador técnico da Fieg, Welington da Silva Vieira discorda parcialmente desse diagnóstico. Numa análise mais acurada dos dados, lembra, será preciso acrescentar que o Estado conseguiu alcançar a consolidação de pólos industriais diversos e que, quando investigada em detalhes, mesmo o setor de alimentos demonstra uma diversificação não existente há uma década. "A indústria de produtos alimentícios inclui desde a produção de leite e carnes até cereais matinais destinados à exportação, salgadinhos e conservas", lembra ele.

Entre aqueles pólos, Vieira destaca as regiões de Catalão, com uma base mineral bastante sólida, ancorada na produção de rocha fosfática e fertilizantes fosfatados, uma indústria metal-mecânica em desenvolvimento, sob liderança da Mitsubishi/Grupo Souza Ramos, confecções e moda; Itumbiara (álcool, alimentos, embalagens, couro e manutenção industrial); e Rio Verde (alimentos, com destaque para soja e carnes, embalagens e serviços industriais de apoio).



Indústria de atomatados: rápido crescimento transforma Goiás em maior produtor brasileiro do fruto

Em outra frente, prossegue Vieira, Aparecida de Goiânia desponta como pólo produtor de embalagens, produtos químicos, metal-mecânico e de confecções, integrando-se à região da Grande Goiânia, onde estão abrigados representantes de praticamente todos os setores industriais. Em Anápolis, aponta ainda, a retomada do Distrito Agroindustrial (Daia), depois dos anos 80, e a instalação, mais recentemente, de uma plataforma logística permitiram a atração de investimentos em setores diversificados, contemplando indústrias de isolantes, telhas, embalagens e confecções. Lá também consolidou-se o pólo farmacêutico do Estado, com ramificações em Goiânia, e começa a instalação do segundo parque de montagem de veículos do Estado, agora comandado pelo Grupo Caoa, com tecnologia da coreana Hyundai.

Açúcar e álcool – O bom de investimentos em mineração, estimado em mais de US\$ 3 bilhões até 2008, tenderá a favorecer o norte do Estado, acrescenta Vieira. Idem no caso do setor de açúcar e álcool, que deverá dobrar o número de usinas em operação em apenas um ano, saindo de 19 unidades neste ano para 38 em 2008, segundo o Sindicato das Indústrias de Fabricação de Álcool do Estado de Goiás (Sifaeg). A indús-

Ganhos e perdas

(Setores têxtil e de minerais não-metálicos encolhem, produtos químicos e montadoras ampliam participação no valor da transformação industrial em Goiás, em %)

Setores	1996	1999	2005	
Indústrias extrativas	5,9	8,1	4,7	
Indústrias de transformação	94,1	91,9	95,3	
Produtos alimentícios e bebidas	46,8	55,4	51,3	
Produtos têxteis	1,4	0,7	0,7	
Couros, artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	1,2	0,9	1,4	
Produtos químicos	11,7	8,9	11,7	
Produtos minerais não-metálicos	6,5	4,6	2,5	
Metalurgia básica	4,0	6,6	6,1	
Montagem de veículos, reboques e carrocerias	0,3	0,3	4,3	
Fonte: IBGE				

Quem emprega mais

(Participação por setor no total de pessoas ocupadas na indústria goiana, em %)

Setores	1996	1999	2005	
Indústrias extrativas	3,2	3,6	2,7	
Indústrias de transformação	96,8	96,4	97,3	
Produtos alimentícios e bebidas	33,3	37,5	39,8	
Produtos têxteis	3,6	1,7	1,8	
Couros, artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	3,1	2,7	3,6	
Produtos químicos	5,7	7,3	9,5	
Produtos minerais não-metálicos	6,7	7,6	5,7	
Metalurgia básica	2,3	2,3	1,7	
Montagem de veículos, reboques e carrocerias	1,2	0,9	1,8	

Fonte: IBGE

tria de açúcar e álcool, estima Igor Montenegro Celestino Otto, presidente do sindicato, deverá contratar mais 180 mil pessoas num horizonte de quatro anos, saindo dos 120 mil empregados atuais para aproximadamente 300 mil (150% a mais).

Na safra 1997/1998, Goiás colheu 8,115 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e espera uma produção de 22,898 milhões de toneladas no ano agrícola 2007/2008, num salto de 182,2%. No período, a participação do Estado na safra brasileira de cana saiu de 2,7% para 4,8%. A produção de açúcar e álcool, na mesma comparação, aumentou 316,6% e praticamente 90%, pela ordem, projetando-se para a safra recém-iniciada um total de 23,757 milhões de sacas de 50 quilos de açúcar e 1,161 bilhão de litros de álcool.

O renascimento da indústria de álcool coincidiu com o lançamento dos veículos bicombustíveis (ou flexfuel). "Hoje, 85% das vendas de álcool estão concentradas no mercado



Açúcar e álcool: produção de cana cresce 182% desde a safra 1997/1998

interno", afirma Montenegro, que identifica uma "esfriada" no mercado mundial devido ao aumento da oferta de etanol nos Estados Unidos e à frustração relativa do setor em relação aos programas de substituição de combustíveis fósseis ao redor do mundo, depois de uma onda inicial de euforia.

Produtos lácteos – Entre 1999 e 2006, a indústria de leite e derivados realizou investimentos estimados em R\$ 400 milhões pelo diretor executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite), Alfredo Luiz Correa, destinados à ampliação e modernização do parque instalado. Com 350 indústrias em operação, 47 mil produtores de leite e 220 mil pessoas empregadas direta e indiretamente, Goiás passou de 5º para o 2º maior produtor de laticínios do País, com capacidade para processar 13,2 milhões de litros por dia.

A produção de leite, aponta Correa, saiu de 2,066 bilhões para 2,65 bilhões de litros entre 1999 e 2005, representando 11% da produção brasileira. "Em 1999, quando o setor pagava uma alíquota de 12% do ICMS, entre 40% e 50% de nossa produção eram exportados in natura, sem processamento. Hoje, o Estado importa leite para atender à necessidade de processamento, numa proporção de 10% da produção", afirma o diretor do Sindileite.

A mudança, diz ele, deveu-se à política de redução do imposto, que baixou de 12% para 9% nas operações interestaduais ainda em 1999, recuando para 7% em 2003 e para 5% no ano passado, diante do compromisso do setor de destinar 1% do imposto apurado para financiar uma campanha de estímulo ao consumo de leite. "A matéria-prima para todos os sorvetes da rede McDonald's sai de Goiatuba. Na mesma cidade, a Po-



Complem: investimento em usina de leite longa-vida com capacidade para 200 mil litros por dia

lenghi duplicou sua fábrica de queijos especiais, para 150 mil litros por dia", entusiasma-se Correa.

Na mesma trilha, a Itambé, Leitbom, Laticínios Bela Vista, Italac, Marajoara, Complem, Comigo e Citale, entre outras, investiram na instalação, expansão e modernização de suas fábricas. Correa destaca o investimento de R\$ 100 milhões realizado pela Itambé para colocar no Estado um laticínio com capacidade para processar 600 mil litros por dia.

Medicamentos — As empresas de produção de medicamentos começaram a desembarcar em Goiás entre 1999 e 2000, atraídas por incentivos fiscais e pela oferta subsidiada de terrenos, além das possibilidades de logística oferecidas pelo Estado e do tamanho do mercado consumidor na Região Centro-Oeste, segundo Ivan da Glória Teixeira, presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Fieg.

A chegada dos investimentos nessa área, concentrados em Anápolis, principalmente, foi estimulada ainda pela implantação de uma plataforma tecnológica farmacêutica, em 2003, numa iniciativa dos ministérios de Integração Nacional e Ciência e Tecnologia, e das secretarias estaduais de Indústria e Comércio, Ciência e Tecnologia, Saúde e Educação, em parceria com empresários do setor.

Criou-se, no Estado, um pólo especializado em medicamentos similares e genéricos, que exigiu investimentos de R\$ 170 milhões entre 2006 e 2007, dos quais R\$ 100 milhões foram destinados a máquinas, equipamentos e instalações industriais. O restante foi aplicado em desenvolvimento de novos produtos, sempre de acordo com Teixeira. O portfólio do setor contempla oito classes de medicamentos, entre antibióticos, antiinflamatórios, analgésicos, anti-hipertensivos, diuréticos, antidiabéticos, antiácidos e sulfas, além de cápsulas.

As vendas do setor movimentaram, no ano passado, perto de US\$ 1,635 bilhão, indicando um crescimento de 22,5% na comparação com 2005, quando o faturamento havia somado US\$ 1,334 bilhão. Em volume, o crescimento foi bem mais modesto, com variação de 3,2% entre um ano e outro (de 140,10 milhões para 144,46 milhões de unidades). O setor contabiliza 23 empresas em operação, incluindo a Iquego (estatal), três distribuidoras e fracionadoras de insumos farmacêuticos, uma indústria de cápsulas e uma única fabricante de insumos. Todas somadas geram 7,6 mil empregos.

Carne bovina – As exportações de carne bovina realizadas a partir de Goiás nos primeiros cinco meses deste ano subiram 34% na comparação com igual período do ano passado, saindo de US\$ 222,687 milhões para US\$ 297,966 milhões. Trata-se do segundo item na pauta goiana de comércio exterior e o crescimento das vendas ao mercado externo pode ser explicado

em função do embargo imposto aos principais Estados brasileiros produtores de carne depois do surgimento de focos de aftosa em Mato Grosso do Sul e no Paraná entre o final de 2005 e começo de 2006.

A reabertura de grandes mercados fornecedores, como o paulista, por exemplo, poderá modificar esse quadro, teme o presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal (Sindicarne), José Magno Pato. Com meia centena de abatedouros instalados no Estado, são os grandes que dominam a cena, detendo capacidade para abater, em números estimados, entre 7 mil e 8 mil cabeças por dia. "A produção se concentra no centro e sudoeste do Estado (com exceção do Bertin, instalado em Mozarlândia) e, nos últimos 30 anos, o setor evoluiu pouco quando se pensa em agregação de valor. O único avanço foi o incremento no setor de desossa", aponta Magno Pato.

Depois de 12 anos sem ocorrência de aftosa, o Estado tem potencial para atrair investimentos, contabiliza o presidente do Sindicarne. Nos últimos anos, Bertin, Minerva e Estrela contrataram investimentos na faixa de US\$ 100 milhões. com incentivos do Produzir. Mais recentemente, os investimentos têm se concentrado na ampliação de câmaras frias, para atender ao aumento da produção decorrente da ampliação dos turnos de trabalho. "Todos os grandes aumentaram sua escala de abate com a adoção do segundo turno", comenta Magno Pato.

Entre aqueles de maior porte, praticamente todos, incluindo Goiás Carne (hoje Independência), Friboi, Minerva, Marfrig e Bertin, têm autorização para exportar carne para a União Européia, o que lhes assegura outras bases para concorrer no mercado interno. Esse dado, além da escala maior de operação,



Carne bovina: grandes frigoríficos ampliam capacidade com criação de segundo turno de trabalho

agrava a tendência de concentração no setor, ao criar dificuldades de sobrevivência para os frigoríficos que só produzem para o mercado goiano. "Continua ocorrendo uma substituição dos abatedouros de pequeno porte por outros maiores", reforça Magno Pato.

Novas diretrizes para a política industrial

A interminável coleção de benefícios fiscais criados pelos governos estaduais para atrair e expandir suas indústrias, diante da ausência notória de políticas nacionais de incentivo à regionalização e consequente descentralização do crescimento da economia, parece não ter operado alterações de maior fôlego no perfil da indústria no País. Num exemplo, em 1996, a Região Sudeste concentrava 68,4% de todo o valor da transformação industrial, cabendo aos demais Estados uma fatia de 31,6%. Embora tenha abrigado menos de 54% do total de estabelecimentos industriais, o Sudeste acumulou, em 2005, 63,5% do VTI (ligeiramente acima dos 63.2% verificados em 2004).

Por isso mesmo, a remodelação da política de incentivos à industrialização de Goiás pretende "descongestionar" o processo de crescimento do setor, favorecendo regiões menos desenvolvidas, além de privilegiar investimentos em inovação e desenvolvimento tecnológico. A indústria, neste caso, retomaria o papel de foco central da política de benefícios fiscais e os arranjos produtivos locais passariam a ser considerados como a "espinha dorsal" da pretendida interiorização do desenvolvimento industrial.

O governo identifica como prioridade a consolidação das cadeias produtivas já presentes no Estado, promovendo uma "forte aposta" na atração de investimentos no

que classifica como "setores de fornecimentos especializados". Isso significa criar estímulos, com uso de instrumentos diversos, para a instalação e consolidação de uma indústria de bens de capital e de insumos intermediários e na estruturação de uma "forte base local de prestação de serviços nas áreas de tecnologia da informação (sobretudo desenvolvimento de softwares)", de biotecnologia e outros serviços especializados (metrologia, controle da qualidade e outros). Entre segmentos considerados "promissores", o documento ressalta o setor de oleoquímica fina e pesada, associada à cadeia de óleos vegetais e a sucroquímica.

Cada caso é um caso

Para saber se é mais vantajoso migrar para o Simples Nacional, é preciso analisar a situação da empresa de forma individualizada

empresário José Divino Arruda, diretor da Taypann Indústria de Uniformes e também presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), afirma que tem acompanhado as informações sobre a Lei Complementar 123/2006, que instituiu o regime especial unificado de arrecadação de tributos e contribuições devidos pelas microempresas e empresas de pequeno porte - o Simples Nacional, apelidado de Super-Simples. No entanto, apenas depois de ter contato com o software Simulador Tributário, desenvolvido por meio de parceria entre Sebrae Goiás e Fieg, Arruda sentiu-se mais seguro para tomar decisão em relação ao novo sistema de tributação.

Pelo que ficou definido em lei, se a empresa é optante do atual Simples Federal, a transição será feita automaticamente, desde que não existam débitos tributários. Já os interessados em aderir ao novo sistema devem preencher formulário no endereço eletrônico da Secretaria da Receita Federal (www.receita.fazenda.gov.br), no pe-



Arruda: simulador traz mais segurança



Site do Sebrae Goiás: fonte de informações sobre a nova legislação

ríodo de 1º a 31 de julho deste ano. Aqueles que não desejam ser enquadrados no Super-Simples precisam enviar declaração à Receita.

Arruda explica que, depois de fazer a simulação, já que o setor têxtil funciona em regime de substituição tributária, ou seja, os impostos são pagos na fonte, a tendência é de que ele opte pela adesão. Mas destaca que a escolha não deve influenciar outros empresários. "Neste assunto, vale a máxima de que cada caso é um caso. Tudo dependerá da situação de cada empresa, por isso, é preciso analisar bem as contas. E o simulador é uma ferramenta fundamental para que o empresário possa avaliar, com mais segurança, se a adesão será vantajosa", explica.

Desde abril, o Conselho Regional de Contabilidade e a Fieg estão promovendo diversos seminários para discutir os principais aspectos tributários e contábeis da Lei Geral das Micro e Pequenas empresas, que institui o Super-Simples. Além disso, no site do Sebrae Goiás (www.sebraego. com.br), o empresário encontrará as principais informações sobre o novo sistema e também o simulador tributário, que facilita a análise individualizada da legislação.

De modo geral, especialistas entendem que o Super-Simples possui vários aspectos positivos, mas o ramo de atividade da empresa e o regime de tributação adotado pelo Estado e pelo município em que ela se encontra não podem ser esquecidos na hora de decidir.

Em junho, o governo estadual definiu, por decreto, que Goiás adotará, para efeito de recolhimento do ICMS no Simples Nacional, a faixa de receita bruta anual de até R\$ 1,8 milhão, correspondente à participação do Estado no PIB nacional.

Capacidade em dobro

Asa Alimentos investe R\$ 17 milhões em seu abatedouro em Nova Veneza (GO) e inaugura nova planta em Aguiarnópolis (TO)

vigoroso crescimento das exportações de carne de frango em Goiás, refletindo o aquecimento no mercado mundial de carnes e a maior demanda especialmente em mercados da Ásia, tem estimulado empresas do setor a acelerar planos de expansão, com investimentos na ampliação da capacidade já instalada e na implantação de novas unidades. A Asa Alimentos, com experiência de 44 anos no setor avícola, embarca nessa onda e investe um total aproximado de R\$ 37 milhões, dos quais R\$ 17 milhões serão destinados à ampliação de suas instalações em Nova Veneza (GO), onde já abate 16 mil aves por dia, em média. O restante foi investido no mais novo abatedouro do grupo, inaugurado em maio na cidade de Aguiarnópolis (TO).

Nos primeiros cinco meses deste ano, as exportações goianas de carne de frango mais do que dobraram, saltando para US\$ 80,337 milhões perante os US\$ 37,074 milhões no acumulado entre janeiro e maio de 2006, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). O ganho em valor, que se aproximou de 117% no período, foi resultado de uma elevação de quase 87% no volume embarcado a partir de Goiás, de 34,620 mil para 64,670 mil toneladas, com alta de 16% para o preço médio de venda, que passou a girar ao redor de US\$ 1,240 mil por tonelada. Em todo o País, as exportações de carne de frango cresceram 41,3% nos



Pool de granjas: 6 milhões de ovos despachados para o mercado internacional

primeiros cinco meses de 2007, pulando de US\$ 1,237 bilhão para US\$ 1,748 bilhão, com elevação de 22,6% em volume e de 15,3% no preço médio.

Apenas neste ano, detalhou Aroldo Silva Amorim Filho, presidente da Asa Alimentos, serão investidos em Nova Veneza perto de R\$ 2 milhões. Até 2010, quando o abatedouro terá capacidade para processar 50 mil aves por dia, pouco mais do que o dobro da capacidade esperada para este ano, a expansão exigirá mais R\$ 15 milhões, incluindo, além de obras civis, a compra de novas máquinas e equipamentos e sua instalação, a exploração de novas linhas de embutidos e cortes especiais, entre outros produtos, e a ampliação da fábrica de rações (de 20 para 40 toneladas por ano).

O total de empregos diretos, projeta Amorim Filho, também será mais do que duplicado até 2008, passando das 120 atuais para 250 vagas o que deverá significar a criação de outros 1.250 empregos indiretos, nos cálculos do empresário. O investimento final na região de Nova Veneza deverá atingir perto de R\$ 57 milhões, levando-se em conta os R\$ 40 milhões que os novos integrados deverão desembolsar, com recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO). O número de produtores integrados, adiantou o presidente, deverá igualmente dobrar, dos atuais 80 para 160.

Incentivos – Além de recursos do FCO, a empresa contará com benefícios fiscais do Programa de Desenvolvimento Industrial (Produzir), que financia 73% do Impos-

to sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) a prazos de 15 anos. O contrato com a Agência de Fomento de Goiás (GoiásFomento), agente financeiro do Produzir, firmado no final de maio, em cerimônia realizada na sede da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), prevê incentivos de R\$ 45,256 milhões e investimento fixo de R\$ 870,1 mil.

Com unidades no Distrito Federal, em São Paulo e no Pará, além de Goiás e Tocantins, a Asa Alimentos emprega mais de 2 mil pessoas de forma direta e quase 10 mil indiretamente, de acordo com Amorim Filho. A empresa, que explora as marcas Bonasa, Bom Gosto e Nosso Frango no mercado interno, produz e exporta pintos de um dia e ovos férteis para Venezuela, Peru, Colômbia, Portugal, Líbia, Senegal, Costa do Marfim, África do Sul e Moçambique, entre outros mercados.

A Asa Alimentos produz 16 milhões de ovos por mês e participa, juntamente com um pool formado por mais quatro exportadores, da trading BrHE, que embarca mensalmente um total de 6 milhões de ovos para o mercado internacional. A empresa goiana responde por 27% daquele volume, equivalente à sua participação no pool. A experiência parece ter estimulado a Asa Alimentos e a Superfrango, com sede em Itaberaí (GO), a montarem outra trading, a Brazilian Meat Export (BME), ainda em processo de criação, com foco na exportação de carne de frango. A intenção, segundo Amorim Filho, é realizar vendas, lá fora, de 14 mil toneladas por mês a partir de 2008.

Os investimentos deverão assegurar à empresa faturamento bruto de aproximadamente R\$ 300 milhões até o final deste ano, conforme prevê o empresário. Além do



Aroldo Silva, da Asa Alimentos, José Carlos Siqueira, secretário de Planejamento, e Paulo Afonso Ferreira, da Fieg: incentivos sobre a mesa

abate de frangos, que corresponde à produção mensal de 7 mil toneladas de carne e mil toneladas de embutidos, a Asa Alimentos atua ainda na área de suínos (mais mil toneladas por mês), bovinos, adubos orgânicos, rações e suplementos para a alimentação animal.

Norte – A inauguração da planta de Aguiarnópolis, onde deverá abater 150 mil aves por dia, e a constituição da Asa Norte Alimentos permitirão ao grupo reforçar presença no mercado da região e, mais do que isto, incrementar suas exportações a partir de condições de logística mais favoráveis, concentrando-as no porto

de Itaqui, no Maranhão, por meio das Ferrovias Norte-Sul e Carajás.

A unidade deverá criar perto de 1,5 mil empregos diretos e outros 7,5 mil indiretos, nas previsões da empresa, além de agregar ao redor de quatro centenas de criadores integrados, com alojamento esperado de 8 milhões de aves em granjas planejadas para Tocantins e Maranhão. As estimativas são de que o novo abatedouro mobilizará R\$ 20 milhões em recursos próprios e mais R\$ 80 milhões dos produtores integrados, que serão financiados pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO).

De vento em popa

(Desempenho das exportações goianas de carne de frango)

Variáveis	Janeiro-maio 2006	Janeiro-maio 2007	Variação (%)
Valor (US\$ milhões)	37,074	80,337	+116,7
Volume (mil t)	34,620	64,670	+86,8
Preço médio (US\$/t)	1.071	1.242	+15,9

Fontes: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice)

A busca por mercados

Parceria entre Fieg e Sebrae Goiás busca internacionalização de pequenas empresas e desconcentração da pauta de exportações do Estado

os primeiros cinco meses deste ano, a despeito dos novos recordes colhidos por Goiás no front externo, apenas um reduzido grupo de 15 empresas respondeu por exatos 80% de tudo o que o Estado exportou. Confirmando uma renovada tendência à concentração, nesta área, somente meia dúzia de empresas foi responsável por 89% de todo o crescimento experimentado pelas exportações goianas na comparação com os valores acumulados entre janeiro e maio de 2006, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic).

Em busca de novas opções de mercado e de maior diversificação na pauta de comércio exterior, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por meio do Centro Internacional de Negócios (CIN), e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Goiás (Sebrae-GO) firmaram no final de maio termo de cooperação que prevê fomento e apoio à internacionalização de empresas de pequeno porte com vocação exportadora. Participaram da solenidade, entre outros, o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, o superintendente da instituição José Eduardo de Andrade Neto, além de João Bosco Umbelino dos Santos, Carlos Alberto Guimarães e Agenor Braga Silva e Filho, respectivamente diretor-superintendente, diretor técnico e presidente do Conselho Deliberativo Estadual do Sebrae-GO, além dos secretários da Fazenda, Jorcelino Braga, e de Comércio Exterior, Ovídio Antônio de Ângelis.

Até 2005, segundo o consultor Luiz Henrique Rodrigues, gerente da Unidade de Comércio e Serviços do Sebrae-GO, apenas 161 micro e



Agenor Braga, Paulo Afonso, João Bosco Umbelino e Ovídio de Ângelis: apoio a pequenas empresas exportadoras

pequenas empresas realizavam exportações em Goiás, o que representava menos de 0,25% dos 65 mil empreendimentos daquele relacionados porte no Estado pela Secretaria da Fazenda. O CIN, de acordo com o gerente Plínio César Lucas Viana, terá a oportunidade de ampliar substancialmente sua base de atendimento a partir da parceria com o Sebrae-GO, oferecendo a um número maior de empresas toda sua estrutura física e humana, bem como a tecnologia criada para atender aos programas Exporta CIN e Start Export, este último desenvolvido no âmbito Programa Al-Invest, com apoio do Eurocentro. O objetivo final é capacitar pequenas e médias empresas a brigar por espaços mercado internacional, contribuindo para a formação de "cultura exportadora" entre elas.

Sem limites – A partir de 1° de julho, adianta Viana, as equipes do CIN e do Sebrae-GO já



Fontoura: tecnologia alemã para exportar caipirinha

estarão trabalhando em conjunto no atendimento aos empresários interessados. Paralelamente, as duas instituições já terão desenhado plano de ação em comum para suporte a programas de internacionalização. A princípio, não haverá limites de recursos, já que o Sebrae-GO trabalhará com orçamento em aberto

para atender aos objetivos do termo de cooperação, que cobrirá também o apoio à participação de empreendimentos de pequeno porte em feiras, exposições e outros eventos internacionais, além de oferecer treinamento e capacitação a empreendedores.

A aproximação entre as duas entidades tenta repetir em Goiás experiências bem-sucedidas realizadas há praticamente dez anos no Rio de Janeiro e há sete na Paraíba, igualmente envolvendo o Sebrae regional e as federações estaduais da indústria. A parceria permite reunir o que há de melhor em cada uma das duas instituições e otimizar o uso de recursos técnicos e financeiros, destaca Viana, pois todo o trabalho de capacitação e treinamento poderá ser realizado em um só local. Rodrigues afirma, de seu turno, que o termo de cooperação permitirá que o Sebrae-GO passe a oferecer um serviço mais sistemático de apoio a atividades exportadoras, expandindo sua atuação, hoje bastante centrada na prestação de consultorias pontuais a empresários e suas empresas.

Recordes na área externa

$(Exportações, importações\ e\ saldo\ comercial\ de\ Goi\'as,\ em\ US\$\ milh\~oes)$

Período	Exportações	Importações	Saldo
Mai/06	248,4	64,2	184,2
Jun	233,8	78,4	155,4
Jul	235,3	91,3	144,0
Ago	199,6	108,4	91,2
Set	157,3	96,5	60,8
Out	166,6	94,0	72,6
Nov	157,8	87,0	70,8
Dez	119,5	95,5	24,0
Jan/07	117,4	89,5	27,9
Fev	133,4	92,2	41,2
Mar	243,7	109,3	134,4
Abr	315,6	115,9	199,7
Mai	316,3	109,1	207,2

Fontes: Secretaria de Comércio Exterior/Mdic

Há quase oito anos no mercado, a Cachaça Export Ltda, como seu "sobrenome" indica, foi criada para disputar mercados lá fora. O primeiro embarque, em bases ainda experimentais, foi acertado durante a 3ª Feira de Alimentos e Bebidas das Américas, realizada em novembro de 2000 em Miami, na Flórida (EUA). No retorno ao Brasil, foram despachadas para o mercado norte-americano 120 caixas, com 12 garrafas de cachaça cada uma, num total aproximado de 1,08 mil litros.

Desde então, muita coisa mudou. Os sócios Ulisses Fontoura, consultor do Sebrae e diretor-comercial da Cachaca Export, e João Juarez Bernardes Júnior, diretor-administrativo e financeiro, venderam metade do negócio para George Iplinsky, que já possuía planta industrial montada em Rio Verde. A unidade atualmente responde por 95% de toda a exportação realizada pela empresa, que ainda mantém uma linha de cachaças artesanais, produzidas em regime de terceirização por alambiques da região de Orizona.

Caipirinha – O portfólio da empresa inclui quatro produtos: as cachaças Samba Brasil, Samba Brasil Cristal, Samba Brasil Gold e um produto criado especialmente para atender ao paladar estrangeiro. Trata-se da Caipirinha Samba Brasil, que vem pronta para beber, ao contrário das concorrentes, de acordo com Fontoura, e teve seu processo de fabricação desenvolvido na Alemanha. Depois de vários testes, o diretor-comercial da Cachaça Export explica que os equipamentos produzidos por uma fábrica alemã foram os únicos que conseguiram corresponder às exigên-

Em alta velocidade

Pelo segundo ano consecutivo, num claro reflexo da valorização cambial, as importações continuam crescendo a uma velocidade superior à das exportações, o que não impediu que os números da balança comercial de Goiás batessem novos recordes. Em maio, as vendas externas somaram US\$ 316,322 milhões, crescendo 27,4% perante igual mês do ano passado e atingindo o maior valor para o mês em toda a série histórica do setor. As importações, no entanto, saltaram praticamente 70% na mesma comparação, chegando a US\$ 109,112 milhões. O resultado foi um saldo mensal de US\$ 207,210 milhões, igualmente recorde e 12,5% maior do que o superávit registrado em maio de 2006.

Nos primeiros cinco meses deste ano, as exportações realizadas a partir de Goiás alcançaram US\$ 1,126 bilhão, com avanço de 36,8% frente ao mesmo período do ano passado, enquanto as importações acumularam incremento de 51,1%, subindo para US\$ 515,967 milhões. O Estado realizou um saldo comercial de US\$ 610,441 milhões no período, ante US\$ 481,670 milhões nos cinco primeiros meses de 2006, o que correspondeu a uma elevação de 26,7%. No caso das importações, o volume aumentou 74,4%, enquanto seu valor médio baixou 13,4%. No outro prato da balança, as exportações seguiram tendência inversa, com queda de 5% em volume e elevação de 44% no índice de preços. As vendas continuaram concentradas no complexo soja (grão, óleo, farelo e derivados) e carne bovina, que somados responderam por 62% dos embarques.

cias do mercado. "A tecnologia embutida nesses equipamentos torna possível triturar os ingredientes da caipirinha de forma a que os resíduos tenham menos de meio mícron (um mícron corresponde a um milésimo de milímetro), o que permite seu consumo imediato", aponta Fontoura.

A empresa, que exportou entre 85 mil e 90 mil litros no ano passado, espera aumentar o volume embarcado em mais de 80% neste ano, atingindo perto de 160 mil litros. Com representações na Espanha, a Cachaça Export vende seus produtos em países como Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, Polônia, Taiwan, Espanha, Suíça e França, entre outros. A experiência de Fontoura como consultor na área de comércio exterior e o apoio do Sebrae-GO tiveram peso na formatação original da empresa e nos passos seguintes. A

criação da Cachaça Export foi precedida por estudos de mercado e por testes de aceitação do produto na Europa e nos Estados Unidos, alvos iniciais da operação.

Para a maioria dos pequenos negócios, no entanto, não é assim que o processo caminha. Em geral, a falta de informação e a baixa capacitação determinam o abandono de planos de exportação que, em certa medida, serão decisivos para a continuidade ou não de empreendimentos desse porte. É neste ponto que a parceria entre o CIN e o Sebrae-GO pretende operar, ao oferecer a esses empresários a oportunidade de formar competência na área de exportações. De acordo com Viana, pesquisas mostram que empresas com atuação no mercado externo investem 45% mais em inovação do que as demais, o que lhes assegura capacidade de competição em mercados mais dinâmicos.

Anúncio

Anúncio

Caminho para o bem-estar

Fórum discute a importância do consumo consciente, o papel dos catadores de materiais recicláveis e a inclusão social

ções cotidianas, concretas e voluntárias de consumo consciente permitem a qualquer pessoa contribuir para a preservação do meio ambiente e melhorar a qualidade de vida de todos. O amplo despertar de consciência para esta nova realidade foi um dos desafios lançados pelo Fórum sobre Coleta Seletiva de Material Reciclável e Inclusão Social, uma parceria entre Conselho Temático de Responsabilidade Social da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, Delegacia Regional do Trabalho em Goiás (DRT-GO), Instituto Ethos de Responsabilidade Social e Movimento Nacional dos

Catadores de Material Reciclável (MNCR-GO), realizado no dia 30 de maio, na Casa da Indústria.

O evento traçou como objetivo diagnosticar a forma que Goiânia administra o lixo urbano e, partindo desse princípio, propor modelos de gestão de resíduos que contemplem de forma responsável as questões ambientais e sociais, que neste aspecto correspondem à inclusão social de trabalhadores e, principalmente, de crianças envolvidas com o lixo. O primeiro passo para discussão ampla, permanente e deliberativa foi dado. Agora se espera pelos resultados.

Para o presidente da Associação de Catadores de Material Reciclável Ordem e Progresso, instituição que conta com 190 associados, e coordenador estadual do MNCR-GO, José Iramar Araújo de Souza, o evento serviu também para apresentar à sociedade a realidade vivenciada pelos catadores, com o objetivo de mover o poder público. Mas, de acordo com ele, ainda há muito que fazer. Iramar conta que, após o evento, os catadores conseguiram 31 pontos de coleta seletiva em Goiânia, porém se depararam com a dificuldade de encontrar meios de transporte disponíveis para realizar o trabalho. "É neste ponto que vemos o projeto emperrado", disse.

Na visão do presidente do Conselho Temático de Responsabilidade Social da Fieg, Antônio de



Materiais reciclados: produtos artesanais produzidos com rejeitos são opção para reforçar a renda familiar

Souza Almeida, todo projeto precisa de tempo para se consolidar e este não é diferente. "O encaramos como um trabalho de formiguinhas, onde cada um desempenha seu papel de forma lenta, porém eficaz para o futuro", argumentou. Segundo ele, 70% do lixo descartado em Goiânia é reaproveitável e a função dos catadores é de suma importância. "Falta conscientizar a sociedade a fazer o seu papel: separar o lixo orgânico do reciclável", afirmou.

Durante o evento, palestras revelaram que a humanidade caminha para um beco sem saída. As discussões apontaram que se o atual ritmo de exploração do planeta continuar, em um século não haverá fontes de água ou de energia, reservas de ar puro nem terras para agricultura em quantidade suficiente para a preservação da vida. De acordo com o coordenador de projetos do Instituto Ethos de Responsabilidade Social, John Butcher, um dos palestrantes, hoje, mesmo com metade da humanidade situada abaixo da linha de pobreza, já se consome 20% a mais do que a Terra consegue renovar. "Se a humanidade passasse a consumir como as populações de países ricos, seriam necessários mais quatro planetas iguais a este para suprir todo o consumo, garantindo produtos e servicos básicos como água, energia e alimentos para todo mundo", discursou. Para ele, a única saída é a adoção de padrões de produção e de consumo sustentáveis pela população. Para os países ricos, isso significa procurar fontes de energia menos poluidoras, diminuir a produção de lixo, repensar sobre quais produtos e bens são realmente necessários para alcançar o bem-estar e reciclar o máximo possível. Aos



Souza: faltam veículos para transportar o material destinado à reciclagem

países em desenvolvimento, que têm todo o direito de crescer economicamente, cabe o desafio de não repetir o modelo predatório e buscar alternativas para gerar riquezas sem destruir florestas ou contaminar fontes de água.

"Neste processo, o consumidor consciente tem papel fundamental. Nas suas escolhas diárias, seja na forma como consome recursos naturais, produtos e serviços, ou pela escolha das empresas das quais compra em função de sua responsabilidade social, pode ajudar a construir uma sociedade mais sustentável e justa", frisou Almeida.

O fórum defendeu também que a geração de renda e trabalho aos catadores de material reciclável fosse plenamente assegurada, para que, a partir daquele momento, as famílias não precisassem mais contar com a renda da suas crianças no trabalho infantil. De acordo com Isa Maria Oliveira, secretária-executiva do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, a criança, ao auferir renda, pode no presente contribuir para melhoria da remuneração da família, mas está sendo retirada dela o direito à escola. "Portanto, no futuro ela não terá oportunidade de se inserir no mercado de traba-



Isa Maria de Oliveira: trabalho infantil rouba da criança direito à educação

lho. Dessa maneira, acaba sendo uma situação que gera e reproduz pobreza e exclusão social", disse a palestrante, apontando que por essa razão, o foco do trabalho infantil é extremamente importante quando se discute a coleta seletiva de material reciclável. "Este é um ambiente em que a criança não deve estar", enfatizou.

Outra agravante mencionada pela secretária é a escola onde as crianças devem ser acolhidas. Segundo ela, o ideal é um ambiente de ensino que socialize e que realmente garanta a aprendizagem desses pequenos estudantes. "O que temos assistido é que as crianças quando chegam à escola não são aceitas pelos colegas, pela professora, pela comunidade escolar. Temos observado que são discriminadas e excluídas porque vêm de uma realidade gerada nos lixões. A situação deve ser mudada e este é mais um dos objetivos do fórum", acrescentou.

Se construído democraticamente, promovendo a participação de todos e respeitando o papel do catador de material reciclável como um agente ambiental, o projeto, segundo Isa Maria, tem grandes chances de resultados, mas precisa ser democrático, para que todas as parcerias possam ser acolhidas, ouvidas e respeitadas.

Marco histórico

Sugestões para o gerenciamento empresarial ambiental e a troca de experiências entre os participantes são destaques da conferência

limite do crescimento econômico mundial se dará pela capacidade de as indústrias definirem um meio de produção consistente com a preservação dos recursos naturais, afirmou a coordenadora do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Cristina Montenegro, durante a 1ª Conferência da Indústria Brasileira para o Meio Ambiente (Cibma), organizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em São Paulo. De acordo com ela, o desafio é crescer mais com menos recursos e menos poluição, pois à medida que as indústrias mantêm esse controle, os limites de crescimento podem ser estendidos.

A conferência, realizada entre os dias 12 e 15 de junho, definiu agenda estrutural com 42 sugestões para o gerenciamento empresarial ambiental, que deverão ser colocadas em prática em até um ano. As discussões foram divididas em 18 temas, considerados essenciais para promover o alinhamento da indústria brasileira com as questões ambientais. A divulgação e capacitação em Produção Mais Limpa (P+L) foi um dos programas sugeridos pela indústria. No final do evento, os participantes optaram pela criação de programa para divulgar o processo de normatização das técnicas ambientais e a capacitação do núcleo em gestão empresarial ambiental nas federações de indústrias do País.

A busca de parcerias para a implantação de bolsas de resíduos sólidos também foi incluída na agenda estrutural. O debate sobre o seguro e os critérios ambientais em licitações



Auditório lotado na 1ª Cibma: participantes comprometidos

e concorrências deverá ser aprofundado pelos dirigentes da confederação. Todos os posicionamentos serão apresentados ao poder público e à sociedade depois de aprovados pela diretoria da CNI.

Delegação goiana ao 1ª Cibma

Paulo Carneiro Junqueira (Comigo) José Mauro de Oliveira (Sifaeg) Marco Túlio Bertolino (Mabel) Cláudio Henrique Simão Silva (Halex Istar)

Fábio Rassi (Presidente do Sindibrita) **Henrique Morg** (Presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg)

Domingos Sávio Gomes de Oliveira (vice-presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg)

Normando Claudino Queiroga (Sama Mineração)

Elaine Lopes Noronha Farinelli (Assessora do Conselho Temático de

Meio Ambiente da Fieg)
Luciana Machado Martins

(Assessora do Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg) Outras sugestões elaboradas são a participação ativa da indústria na formulação dos inventários nacional e setorial sobre a emissão de gases de efeito estufa (GEEs), ações de educação ambiental em parceria com as comunidades e apoio à cobrança pelo uso da água de forma gradual e abrangente.

Cerca de 350 delegados das Federações das Indústrias de todo o País prestigiaram o evento. Para a assessora-executiva do Conselho Temático de Meio Ambiente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Elaine Lopes Noronha Farinelli, a participação dos representantes goianos foi exemplar, demonstrando o grande comprometimento do grupo com as discussões apresentadas. Os membros da delegação foram eleitos durante a Conferência da Indústria Estadual para o Meio Ambiente, realizada no dia 10 de maio. Segundo ela, a Cibma constituiu-se em cenário favorável para a troca de experiências entre técnicos das federações e empresários.

Floresta dá lucro

Investimentos em projetos florestais asseguram lucros, permitem recompor o meio ambiente e seqüestrar carbono da atmosfera

ados divulgados pela Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS), entidade que congrega empresas exploradoras de áreas de reflorestamento, mostram que um terço dos 300 milhões de metros cúbicos de madeira consumidos por ano no Brasil vem de florestas plantadas. Elas ocupam 4,8 milhões de hectares, o equivalente a menos de 0.6% do território.

Enquanto em outros países se considera bom resultado colher 25 metros cúbicos por hectare, por aqui se consegue até 45 metros cúbicos em ciclos de corte bastante curtos (de 7 a 10 anos). Melhores resultados fazem crescer o interesse do empresariado pelo plantio, diminuindo a pressão sobre áreas nativas.

Estimulado pelas possibilidades econômicas desse negócio, Domingos Sávio Gomes de Oliveira, sócio gerente da Araguaia Mineração, situada em Planaltina de Goiás, resolveu investir no plantio de florestas. Visando recuperar uma área degradada de 430 hectares, anteriormente ocupada pelo Cerrado, Sávio aplicou recursos no plantio de 640 mil mudas de eucaliptos em uma de suas propriedades na região. O plantio foi escalonado em duas etapas e hoje parte da área abriga árvores de dois anos e, em outra, as plantas têm seis meses de idade.

Para ele, além do lado ambiental e do fator econômico, o investimento incorpora outro objetivo, mais estratégico, que é alcançar a auto-suficiência no suprimento da energia consumida pela empresa



Eucaliptos: custo de implantação varia entre R\$ 1,8 mil e R\$ 2 mil por hectare

de mineração. "Plantar eucalipto foi uma das formas de buscarmos o desenvolvimento auto-sustentável", diz seu sócio Nilo Bernardino Gomes, ao estimar consumo médio diário entre 115 e 120 metros cúbicos de lenha.

Em maio, a empresa, juntamente com a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), visitou a área, com a participação de empresários, representantes do governo na área mineral e ambiental, além de parlamentares. Na ocasião, os sócios defenderam as vantagens de se investir em florestas cultivadas como opção para a produção de energia e puderam trocar informações e conhecimento com os visitantes.

Sávio e Gomes revelaram que o custo do investimento no plantio de florestas varia entre R\$ 1,8 mil e R\$ 2 mil por hectare, com o plantio de aproximadamente 1,6 mil pés de eucalipto em cada hectare. "A produtividade deve cor-

responder à cerca de 300 e 350 metros cúbicos de madeira por hectare", garante Oliveira. Nos primeiros anos de plantio, segundo eles, a atenção deve ser voltada ao controle de formigas e cuidado com o fogo. Posteriormente, o manejo é relativamente simples. Ao longo de 15 anos, a cultura proporciona três cortes. "Como uma das áreas já tem dois anos, em três anos já será realizado o primeiro corte", espera Gomes.



Domingos Sávio, da Mineração Araguaia: produtividade de 300 a 350 m³ por hectare



TOCHA OLÍMPICA

Josilene Alves Ferreira, colaboradora do Sesi Goiás e atleta convocada para o Parapan 2007, foi destaque durante a passagem da tocha olímpica por Goiânia. "Um momento de muita emoção. É o reconhecimento de um trabalho feito com muito esforço e dedicação", destaca. Josilene decidiu, há seis anos, que se tornaria uma das melhores atletas paraolímpicas do Brasil e do mundo. Agora, foi convocada para defender o Brasil junto com a equipe de halterofilismo nos Jogos Parapan-americanos 2007.

POLÍTICA ECONÔMICA

Na reunião de Diretoria Plena da Fieg, no dia 4 de junho, foi instalado o Conselho Temático de Política Econômica da entidade (CTPE) e empossados seus membros. Presidido por Beyle de Abreu Freitas, o conselho tem ainda como participantes Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro, Jerônimo David de Souza, Pedro Mário da Silva, Ademir Albiati, Francisco Faria, Sérgio Duarte de Castro, Álvaro Otávio Dantas Maia. Enoque Flausino da Silva, Valtino Rodrigues Nunes e João Carlos Golveia.



PALESTRA NA EMBAIXADA DA ITÁLIA

O presidente da Fieg e diretorsecretário da CNI, Paulo Afonso Ferreira (na foto, com o ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento,



Indústria e Comércio Exterior), representou a confederação em seminário sobre comércio exterior na Embaixada da Itália, dia 15 de maio. Paulo Afonso apresentou panorama do cenário industrial do Brasil, com ênfase para o Centro-Oeste, principalmente Goiás. A palestra aconteceu no seminário Oportunidades de Cooperação e Desenvolvimento das Relações Comerciais e Industriais entre Pequenas e Médias Empresas Italianas e Brasileiras. O evento objetivou mostrar ao empresariado e a instituições financeiras e de representação de classe novos mecanismos de financiamento colocados à disposição das empresas brasileiras e italianas.

O PRESIDENTE, O SENADOR E O ASTRONAUTA



Em evento recente na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, e o senador Marconi Perillo tiveram a oportunidade de trocar dois dedos de prosa com o primeiro astronauta brasileiro, o majoraviador Marcos César Pontes.

TOMATE INDUSTRIAL

A Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) recebe, entre os dias 29 de agosto e 1º de setembro, o Congresso Brasileiro de Tomate Industrial e a 1ª Feira de Produtos e Serviços. Destinado a produtores, empresários e investidores, além de pesquisadores e profissionais do setor, o congresso discutirá temas relacionados à produção e industrialização do tomate, além de apresentar novas soluções tecnológicas. A realização está a cargo da Embrapa Hortaliças, Universidade Federal de Goiás (UFG), Associação Brasileira de Horticultura e da própria Faeg, em parceria com a Fieg.

PRÊMIO FINEP

Até o dia 16 de julho, empresas e instituições de ciência e tecnologia brasileiras podem se inscrever na 10^a edição do Prêmio Finep de Inovação Tecnológica. A disputa ocorre em seis categorias: Produto, Processo, Pequena Empresa, Grande Empresa, Instituição de Ciência e Tecnologia, além de Inovação Social. As inscrições devem ser feitas por meio do endereco eletrônico www.finep.gov.br/premio. Criado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, o prêmio procura elevar o potencial competitivo de empresas e instituições que encontraram soluções positivas na busca pela qualidade de vida da população.



Qualificação: assessoria técnica, apoio tecnológico e uma série de cursos contribuem para acelerar capacitação de costureiras

Elas não são mais as mesmas

Confecções superam gargalos, qualificam mão-de-obra e aumentam produção, com ganhos em eficiência e produtividade

om investimento de R\$
223 mil em cursos, assessoria técnica e tecnológica,
divulgação e marketing e missões
comerciais a empresas do setor, termina neste mês o Programa Arranjo
Produtivo Local (APL) desenvolvido em Catalão, a 249 quilômetros
de Goiânia, desde março de 2006.
Nesse período, 172 pessoas participaram de cursos de capacitação e se
tornarão multiplicadores desses novos conhecimentos na região.

O APL é resultante da parceria entre Ministério da Integração Nacional, por meio da Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SCO) e da Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno de Brasília e Entorno (Ride); Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). O programa contou com apoio da prefeitura e Câmara Municipal de

Catalão e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O saldo das ações é considerado positivo pela presidente da União das Indústrias de Confecção de Catalão e do Sudeste Goiano (Unicon), Lindalva Rabelo Fayad. "O APL foi muito bom para o pólo de confecções de Catalão. O nosso setor precisava de um direcionamento. Agora poderemos crescer de



Valéria Vargas, da Magia Íntima: capacida de deprodução a umento u 65%

forma mais técnica e sustentada", avalia.

O pólo de Catalão foi escolhido pelo governo federal para receber esse apoio porque apresenta excelentes perspectivas de expansão, como o fato de possuir mais de 50 confecções localizadas numa mesma área. Dessas, mais de 20, focadas em moda íntima, foram atendidas pela assessoria técnica e tecnológica do APL.

Diagnóstico – O programa foi organizado tendo como base o diagnóstico realizado pelo APL no ano passado, por meio de pesquisa e levantamento de dados com empresários do setor. Na ocasião, foram detectados os principais gargalos que o pólo de confecções enfrentava. Constatou-se que o maior entrave, apontado como inibidor do crescimento, era a baixa qualificação da mão-de-obra, bem como a falta de controle, planejamento e investimento em tecnologia.

Diante desses dados, foram realizados 13 cursos, com um total de 1.035 horas, e oferecidas

296 horas de assessoria técnica e tecnológica às empresas. Durante a assessoria, realizada individualmente em cada confecção, foram abordados temas como planejamento e controle de produção, organização do layout industrial, orientações à supervisão de produção e a implementação de planilha de custo.

Além disso, o APL promoveu a participação de empresários em quatro missões comerciais: Salão da Lingerie e Feira Internacional da Indústria Têxtil (Fenit), em São Paulo (SP), Fórum Moda com Idéias, em Uberlândia (MG), e Pólo de Moda Íntima de Juruaia (MG). Também participaram da palestra sobre tendências, ministrada em Goiânia pela publicitária e especialista em comportamento humano Renata Miranda.

Perspectivas - Algumas mudanças já foram implantadas pelos empresários do Pólo de Confecções de Catalão, como a racionalização do processo produtivo, que apresenta resultados

positivos. Valéria de Jesus Vargas, proprietária da confecção Magia Íntima, que emprega 36 pessoas, conta que sua produção aumentou em 65%. "Antes do curso eu estava produzindo cerca de 700 peças por dia. Hoje são em torno de 1,2 mil, com o mesmo número de funcionários e máquinas. A diferença é que agora sabemos quantas peças cada funcionária pode produzir por dia, fazemos planejamento e controle", explica.

A empresária afirma que essas ações influenciaram a relação com seus clientes. "Até eles sentiram as mudanças após os cursos, como a pontualidade na entrega. Posso aceitar um pedido, marcar a data de entrega e cumpri-la. Antes, às vezes aceitávamos encomendas e não sabíamos se conseguiríamos ou não entregá-las na data determinada. Ganhamos em credibilidade", assegura.

A qualificação da mão-deobra por meio do Programa Arranjo Produtivo Local (APL) foi outro ponto destacado pelos empresários. Para o presidente da Câmara Municipal de Catalão, vereador César Ferreira, o APL trouxe ganho social para a cidade. "A maior parte desse contingente de trabalhadores é formada por mulheres com mais de 35 anos, que não tinham expectativa de emprego por falta de qualificação. O programa trouxe a possibilidade de capacitação para essas pessoas, que hoje estão inseridas no mercado. Isto é resgate da cidadania. É auto-estima elevada, com a certeza de que são produtivas".

Nova visão – Para a supervisora de produção da empresa Magia Íntima, Bruna Maria da Silva, os cursos foram importantes, pois lhe permitiram o acesso a volume

maior de conhecimentos teóricos e práticos. "Atuo na área há pouco tempo, mas o curso me deu mais segurança. Aprendi a lidar com as pessoas, como conversar, cobrar das nossas costureiras. Tem muita coisa que ainda estou, aos poucos, colocando em prática".

De acordo com o diagnóstico realizado em 2006, a produção mensal de todas as 59 empresas consultadas era de aproximadamente 170 mil peças/mês, gerando 497 empregos diretos. Atualmente, segundo Lindalva Rabelo, a produção mensal aumentou para cerca de 200 mil peças/mês e quase 600 pessoas estão empregadas no pólo de confecções. Ela ressalta a mudança de visão do negócio que os cursos e a assessoria proporcionaram. "Vimos que temos de buscar conhecimento, sempre. Entendemos que o nosso lugar não é só dentro da empresa. Temos de ter uma visão de fora para dentro. Perceber o que está acontecendo à nossa volta", conclui.



Bruna da Silva, supervisora de produção: maior segurança no trabalho

Marketing para ganhar mercados

O esforço do Programa APL para aumentar a competitividade do arranjo produtivo de Catalão abrangeu também ações de marketing para divulgação do pólo. Em dezembro de 2006, o APL e a Unicon promoveram a campanha Compre Direto da Fábrica, em nível regional. Foram produzidos banners, outdoors e catálogos. A prefeitura municipal investiu na veiculação do comercial na TV e foi possível viabilizar a contratação de assessoria de imprensa nacional para o pólo, durante todo o ano de 2007.

Por meio dessa assessoria, o Pólo de Confecções de Catalão esteve no programa *Superpop*, apresentado por Luciana Gimenez na Rede TV. O desfile das lingeries foi visto por milhares de pessoas e teve bom retorno. "Nossa participação no programa foi extremamente importante.

Recebemos muitos e-mails e vários representantes comerciais têm nos procurado. É lógico que não vai gerar negócio de hoje para amanhã, mas dará resultado no futuro", prevê a presidente da Unicon, Lindalva Rabelo.

Para os confeccionistas, o próximo passo é continuar divulgando o pólo e prospectar novos mercados consumidores. Segundo a presidente, o APL formou mão-de-obra, melhorou fábricas e aumentou a capacidade de produção. Agora é preciso vender e, para tanto, é necessário divulgar. "Eu acho que este é o momento. Nós precisamos dar continuidade ao trabalho que foi desenvolvido pelo programa ou vamos perder o tempo e os recursos investidos nesta etapa". Para tanto, a Unicon já está se mobilizando para tentar novos recursos e parcerias, seja no âmbito do governo federal, estadual ou municipal.

Modelo de gestão

Manual de Boas Práticas aponta estratégias para atuação de líderes sindicais e dicas para maior eficiência no setor



m diálogo com os sindicatos patronais da indústria inicia-se com a obra *O Papel do Líder Sindical - Manual de Boas Práticas: Informações Estratégicas*, elaborado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás e pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

A iniciativa, fruto de estudo e pesquisa, empenha-se na construção de ferramentas gerenciais que visam contribuir com um segmento que procura consolidar seu lugar em meio às transformações que ocorrem globalmente.

A publicação indica aos sindicatos rumos para a organização mais eficiente e dicas para agregar novas técnicas, já disseminadas no setor industrial em todo o País. As práticas e informações recomendadas no manual pretendem contribuir para moti-

var o setor a se modernizar, de forma que os sindicatos possam se preparar para atender às exigências dos novos tempos. O conteúdo, distribuído em 90 páginas, é direcionado principalmente ao líder sindical, que deverá ter tempo disponível para a defesa dos interesses da classe e focar suas ações estratégicas setoriais. A leitura da obra possibilita acesso a informações sobre sindicatos e entidades de classe; o líder classista; gestão sindical; boas práticas para desenvolver o sindicato e conhecimento de sugestões de práticas para federações. Em dois anexos, o leitor encontra os passos iniciais para a fundação e a estruturação de um sindicato.

"Pela obra, o líder sindical aprenderá que deve estar sempre ampliando suas habilidades, preparandose para todo o tipo de negociações, reuniões e assembléias e assim, naturalmente, conquistar liderança em um ambiente de constantes mudanças, além de traduzir em resultados os esforços do grupo que representa", comenta o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira.

Na visão do superintendente do IEL Goiás, Paulo Galeno Paranhos, a elaboração do manual é o cumprimento da missão de colaborar com a estrutura sindical e reflete preocupação com o sindicalismo. "Se não nos fortalecermos, não teremos sindicatos no futuro. Isto é uma realidade", afirma.

Apresentado aos sindicatos goianos e às federações de indústrias ligadas à CNI, o manual foi bem avaliado, por sua contribuição aos líderes e executivos sindicais. "A leitura desse documento torna-se, a partir de hoje, obrigatória para todos que almejam participar de fórum de contribuições para a modernização sindical, consoante à globalização de mercados", recomenda o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Rodrigo Costa Loures.

Líderes e o manual

"Com certeza será de bastante valia para os presidentes dos sindicatos filiados a esta federação".

Eduardo Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan)

"Trata-se de importante contribuição para o aprimoramento da gestão dos sindicatos".

Jorge Lins Freire, presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb)

"Preenchendo importante lacuna, a publicação oferece seguras diretrizes para o fortalecimento associativo da indústria, esforço no qual todos nos empenhamos e que, agora, recebe valioso contributo dessa co-irmã".

Eduardo Prado de Oliveira, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Sergipe (Fies)



Loures: leitura obrigatória no processo de modernização dos sindicatos

Lajes de qualidade

Fieg e IEL lançam Programa Goiano de Qualidade de Lajes Pré-Fabricadas. Selo marcará produtos de micro e pequenas indústrias

mercado exige. Produtos de qualidade são buscados pela própria indústria e pelo consumidor final. A construção de uma casa para ser comercializada por empresa, ou mesmo executada pelo dono, necessita de materiais com garantia de fábrica para assegurar obra perfeita, segura e durável.

Sinônimo de abrigo e proteção, a laje tem de ser bem feita para que não vire ameaça ao morador. Para tanto, é preciso que, depois da opção pelo sistema pré-fabricado, seja pedido ao fabricante certificado/selo que garanta a qualidade do produto. É este selo de qualidade que as micro e pequenas indústrias goianas do setor de pré-fabricados de cimento, fabricantes de lajes, poderão obter a partir de agora. O Programa Goiano de Qualidade de Lajes Pré-Fabricadas nasce a três mãos: Fieg, Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento de Goiás (Sinprocim), com auxílio do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), desenvolvido pela CNI e pelo Sebrae. A iniciativa visa propiciar às empresas do setor condições de competitividade no mercado. "Estamos dando todo apoio para as empresas produzirem com qualidade e terem no mercado um produto com confiança", atesta o presidente do Sinprocim, Marley Antônio da Rocha.

De acordo com ele, as micro e pequenas indústrias goianas desse segmento necessitam de aporte técnico e diferencial competitivo para enfrentar as exigências técnicas em relação aos processos de construção alternativos e modernos, compatíveis com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e programas de qualidade como o PBQP-H. "Por isso, nossa intervenção em conjunto para ajudá-las a se modernizarem".

O trabalho, que começa com diagnóstico das indústrias, é desenvolvido em um período de 18 meses, para, ao final, intervir na qualidade do produto que será colocado à disposição do mercado. "O selo vai distinguir as empresas que vendem qualidade e que estão preocupadas com o consumidor", ressalta o diretor da Lajes Santa Inês, Mário Renato Azeredo, acrescentando que a concorrência também será leal, uma vez que as indústrias estarão no mesmo nível.

Por ser grande a responsabilidade do setor de lajes, segundo constata Marley Rocha – pois dele dependem outros setores da construção civil –, "é que se torna imperativo fortalecê-lo".

O consultor Carlos Campos tem a mesma opinião e reconhece que o programa, além de alavancar o setor, proporcionar upgrade técnico e de gestão, também desperta expectativas de qualidade no consumidor. Ele abriu os laboratórios da Carlos Campos Consultoria e Construções para ensaios técnicos do Programa Goiano de Qualidade de Lajes Pré-Fabricadas. A esta fase, que verificará a qualidade e o desempenho dos produtos, soma-se o atendimento a uma seleção de requisitos da norma NBR ISO. "Isso é uma forma de assegurar a implementação do Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) em conformidade com a norma", lembra a coordenadora da área de Gestão Empresarial do IEL Goiás, Vera Lúcia Oliveira, acrescentando que esses passos levam ao selo de qualidade, objetivo maior do programa, que tem até o momento a adesão de 20 indústrias.



Nelson Aníbal, da Fieg, Paulo Galeno Paranhos, do IEL, e Marley Rocha, do Sinprocim: competitividade para empresas do setor

TOP ESTAGIÁRIO 2007

Foi lançada pelo IEL Goiás a 3ª edição do Prêmio TOP Estagiário. A solenidade, realizada no dia 3 de maio, reuniu representantes de empresas, instituições de ensino e estudantes que vieram à Casa da Indústria interessados em conhecer as mudanças no regulamento do prêmio. Dirigida a estudantes, a seleção este ano conduzirá os finalistas de cada categoria regional (micro/pequena, média e grande empresa) à etapa nacional, organizada pelo IEL Núcleo Central. As empresas goianas, que contrataram estagiários por meio do IEL, têm até o dia 31 de julho para indicá-los ao TOP. A premiação será em agosto. O regulamento está disponível no site www.ielgo.com.br.



QUALIFICAÇÃO DE FORNECEDORES

O primeiro grupo de fornecedores de Aparecida de Goiânia, composto por 11 empresas, recebeu o Atestado de Qualificação, do Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), de acordo com requisitos da qualidade preestabelecidos. São pequenas e médias empresas que estão aptas a atender às demandas das grandes indústrias situadas no município e fora dele, além de estruturar o processo de gestão para fortalecer o relacionamento comercial entre a cadeia produtiva, ampliando seus negócios e mercados. Com apoio da prefeitura municipal e da Associação Comercial e Industrial, o PQF teve adesão de três indústrias que formaram o comitê gestor – Mabel, Equiplex e Furnas. O Senac também apoiou. As empresas concluintes são Águia Produtos de Limpeza, Limpus Industrial, Flexibase, Hidrozon, Limp Vap, Taypann Uniformes, Goiás Tintas, A Nacional Vigilância, Goiás Cloro, Meta Limpeza e Goiarte.

FÓRUM EM LUZIÂNIA

As indústrias e instituições de Luziânia e regiões vizinhas aderiram ao Fórum Permanente de Oportunidades e Negócios, proposto pelo IEL Goiás, que já havia apresentado a iniciativa em Rio Verde e Itumbiara. O fórum tem o propósito de promover o desenvolvimento do município e estreitar relações de fornecimento com empresas da região. A Flora Industrial (Minuano), empresa do Grupo JBS-Friboi, foi a primeira a manifestar interesse no fórum, com apoio do diretor Marco Bortolon.



BENCHMARKING NA BRASILATA

A Brasilata, indústria especializada em embalagens de aço situada em Rio Verde, é a sexta organização a implantar o Benchmarking Industrial por meio do IEL Goiás. O gerente de operações da empresa, Ângelo Landim Júnior, observou aspectos interessantes no estudo, como a possibilidade de ter visão global e uma análise setorial da empresa. Nesses apontamentos, ele comenta ainda que as oportunidades de melhorias apresentadas serão incrementadas por meio de um plano de ação setorial, com formação de equipes multidisciplinares e envolvimento do corpo diretivo. O IEL aplicou a ferramenta nas indústrias Goiarte Artefatos de Cimento (Aparecida de Goiânia), Orsa Celulose, Papel e Embalagens (Rio Verde), Alca Foods (Itumbiara), Caramuru Alimentos (São Simão) e Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudeste (Comigo), de Rio Verde.

Incentivo à pesquisa aplicada

Fruto de parceria entre SóSoja do Brasil, de Caldas Novas, e Escola Senai Vila Canaã, a paçoca de soja vira atração em congresso nacional

omposta por uma mistura de 50% de soja e 50% de amendoim, a paçoca de soja é comercializada há apenas sete meses e já está na vice-liderança nas vendas da indústria. O novo produto, inédito no mercado, foi desenvolvido com recursos do Edital de Inovação, do Senai Nacional, cujo objetivo é integrar a rede de serviços tecnológicos da instituição às demandas industriais, com foco no estímulo à inovação como forma de ampliar a competitividade das indústrias brasileiras. Estudo realizado em 2005 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revela que as empresas que renovam e diferenciam produtos faturam mais e, ainda, conseguem melhores vantagens e facilidades quando vão exportar.

Na edição 2007 do edital, o Senai Goiás tem três outros projetos inscritos - processamento de fécula modificada seca ao sol, refresco em pó à base de soja e conserva de palmito em embalagem plástica –, estruturados em parceria com as empresas Febela, Miliopã Goiânia Produtos Alimentícios e Barros de Lima Indústria e Comércio de Alimentos. Caso sejam selecionados, eles poderão ser colocados no mercado em até um ano e meio. Além do aporte de R\$ 100 mil. o Senai oferece estrutura física. presta assessoria e consultoria para o desenvolvimento da inovação e suporte para a obtenção da patente.

"A inovação tecnológica é um diferencial competitivo fundamental e o edital do Senai é uma ferramenta importante para as empresas que pretendem conquistar novos mercados. Além disso, é uma maneira de mos-



Linha de produção: paçoca de soja e amendoim aumenta faturamento da SóSoja

trar o potencial da instituição no desenvolvimento de produtos e processos, sua capacidade e competência técnica para a realização de pesquisa aplicada", afirma a engenheira de alimentos da Escola Senai Vila Canaã, Christiane Almeida Starling, gestora do projeto da paçoca de soja.

Para desenvolver o produto, a indústria contou com a consultoria dos técnicos da Escola Senai Vila Canaã em todas as etapas do processo, desde a elaboração da fórmula química até à fabricação, passando pela supervisão e validação do design da embalagem, criado pela agência Speranzini, de São Paulo.

"A parceria com o Senai foi fundamental para a viabilização do projeto. Conseguimos um diferencial tecnológico e inovador com um produto nutritivo e gostoso que agrada tanto crianças quanto adultos. A paçoca é um sucesso de vendas, que contribuiu para aumentar o nosso faturamento em cerca de 12%", comemora o diretor-presidente da SóSoja, Rodolfo Rohr Neto.

O doce tem características de alimento funcional porque ajuda a reduzir o risco de doenças cardiovasculares, diminuir os efeitos da menopausa, prevenir alguns tipos de câncer e controlar a diabete. Tudo isto graças à isoflavona, substância encontrada na soja considerada benéfica à saúde.

A SóSoja iniciou suas atividades em 2003, com o objetivo de realizar um antigo sonho de seus sócios e idealizadores – a divulgação e popularização do consumo da soja. A indústria vem investindo em pesquisas para lançar novos produtos derivados do grão, visando ao acesso da população a proteínas e substâncias que contribuem para uma vida mais saudável. Todos os alimentos da SóSoja possuem certificados de não-transgênico.

"A paçoca deve aumentar a competitividade da empresa no mercado, uma vez que amplia sua oferta de produtos, alcançando um público diferenciado – o infantil –, além de disseminar o consumo de soja no Brasil", afirma Christiane Starling.



Campeões olímpicos Johnny, Claiton, Luciano e Anderson, com o diretor regional do Senai, Paulo Vargas, e o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira: participação especial

Vitrine de talentos

Em comemoração à Semana da Indústria e aos 55 anos do Senai em Goiás, instituição realiza a Olimpíada do Conhecimento 2007

oiânia sedia, de 26 de agosto a 1º de setembro, na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, a etapa regional da Olimpíada do Conhecimento, maior evento de educação profissional da América Latina, no qual a instituição avalia a qualidade do ensino técnico oferecido e promove integração com as indústrias. Ao todo, 133 alunos das escolas e faculdades do Regional goiano irão disputar medalhas em 25 ocupações industriais. Os melhores classificados representarão o Estado na fase nacional da competição, que ocorrerá em junho e julho de 2008, no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Já tradicional, a olimpíada terá em Goiás, pela primeira vez, uma infra-estrutura diferenciada. Além dos ambientes adequados para atender aos competidores, serão realizados simultaneamente cinco eventos: na Mostra da Indústria, serão apresentadas novidades tecnológicas desenvolvidas pela indústria goiana. A Inova

Senai - Semana Tecnológica reúne trabalhos com perfil criativo, empreendedor e inovador, nas categorias docentes e alunos, voltados para áreas de atuação da instituição. Outra novidade é o Ciclo de Conhecimentos Empresariais, com palestras técnicas promovidas pelos Conselhos Temáticos da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). Senai 12 Horas de Saber será uma oportunidade de capacitação de docentes do Senai Goiás em cinco áreas. Sob a coordenação do Sesi, a Praca da Cidadania reúne ações de promoção social, assistência à saúde, lazer e responsabilidade social.

Durante o lançamento da Olimpíada do Conhecimento, o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, destacou a importância da competição e da qualificação profissional. "Essa é uma oportunidade para o meio empresarial conhecer novos talentos, que serão avaliados e colocarão à prova nossas ações de educação profissional", afirmou.

Para o gerente de Educação Profissional do Senai Goiás, Manoel Pereira da Costa, a instituição estará abrindo suas portas para apresentar conhecimentos, habilidades e valores de seus alunos; e mostrar aos poderes públicos e à classe industrial a eficácia da educação profissional.

O lançamento contou também com a participação especial de quatro ex-alunos do Senai Goiás que disputaram edições anteriores da olimpíada. Ex-aluno da Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis, Johnny Rodrigues Corrêa ganhou medalha de ouro na ocupação de mecânica diesel na fase nacional da Olimpíada do Conhecimento, realizada em março de 2006, no Recife (PE). Ele foi o primeiro funcionário contratado pelo Grupo Caoa/Hyundai. Também ex-aluno do Senai Anápolis, Anderson Ferreira dos Santos é colega de Johnny na Hyundai e foi campeão na ocupação de mecânica de automóvel na etapa nacional em 2001.

38 Goiás Industrial Maio/Junho 2007

Quando todos ganham

Há 12 anos o Sesi promove o prêmio para reconhecer e estimular a responsabilidade social empresarial na indústria brasileira

ao é de hoje que se ouve falar sobre responsabilidade social empresarial, tema que tem ocupado espaço nas páginas dos jornais, nos telejornais, nas rodas de conversas nas empresas de todo o mundo. No Brasil, o assunto ganhou mais força a partir da década de 90, por meio da ação de organizações não-governamentais, institutos de pesquisa e empresas sensibilizadas com a questão.

Assim como os programas de qualidade e a obtenção de certificados, como as normas ISO, mudaram o perfil de milhares de empresas, a gestão socialmente responsável é, atualmente, um diferencial competitivo que traz bons resultados.

Mas o que é uma empresa socialmente responsável? O Instituto Ethos, referência no assunto, define uma organização assim quando ela vai além da obrigação de respeitar as leis, pagar impostos e observar as condições adequadas de segurança e saúde para os trabalhadores. Ou seja, faz isso por acreditar que dessa forma será uma empresa melhor e estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

Exemplo nessa área, a Belcar Caminhões, fundada em 1983, atua na revenda autorizada de caminhões

e máquinas da marca Volkswagen, destacando-se como a maior concessionária regional da rede no Brasil. Preocupada em manter a qualidade no ambiente de trabalho e promover o bem-estar social, ela formalizou, em 1998, sua área de Responsabilidade Social Empresarial, que recebe, hoje, o nome de Belcar Caminhões Cidadania. E foi naquele mesmo ano que a empresa participou, pela primeira vez, do Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho (PSQT), consagrando-se vencedora.

De lá para cá, nunca mais deixou de participar e venceu o prêmio por quatro vezes. "Desde a primei-



Cristina Souza, da Belcar Caminhões: resultados avaliados todos os dias, pelo bem-estar do empregado

ra vez que ganhamos o Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho, incorporamos melhorias como a sala de leitura, o cochilódromo masculino e feminino, e a criação da Escola de Informática e Cidadania (Projeto EIC). O relatório do PSQT demonstra a satisfação de nossos colaboradores com a gestão que a empresa adota", explica a diretora da Belcar Caminhões Cidadania, Cristina Souza.

Ela ressalta que o PSQT contribui com a gestão de uma empresa socialmente responsável, pois é excelente ferramenta para mensurar o clima da organização. "Os resultados são avaliados diariamente e com estes dados em mãos podemos programar e implementar planos de ação para melhorar a satisfação do colaborador", explica.

Exemplos como o da Belcar Caminhões confirmam que empresas saudáveis podem mudar a realidade, contribuindo para que todos sejam agentes de uma nova mudança, construtores de uma sociedade melhor.

Fazendo sua parte – O Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho nasceu com o objetivo de estimular o exercício da responsabilidade social empresarial, fomentando a adoção de novos valores de gestão e valorização de pessoas. "Isso contribui para que as indústrias se tornem mais produtivas e ampliem suas possibilidades de sobrevivência no mercado", esclarece o diretor do Departamento Nacional do Sesi, Armando Monteiro Neto.

De acordo com o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás e diretor regional do Sesi, Paulo Afonso Ferreira, os empresários estão cada vez mais conscientes da importância dos programas de responsabilidade social. "Esse prêmio representa o compromisso de todos aqueles que lutam para construir um Brasil melhor", diz.

As empresas participantes do prêmio concorrem em duas modalidades – geral e especial –, constituídas por oito categorias, sendo grande, média, pequena e microempresa em cada modalidade. As vencedoras recebem troféu, certificado de participação e premiação em dinheiro, que deverá ser empregado em ações

de melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e de projetos sociais voltados para a comunidade.

A edição 2007 do Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho em Goiás bateu recorde de inscrições. Foram 35 empresas industriais inscritas, contra 27 em 2006 e 22 em 2005. Para o superintendente do Sesi Goiás, Paulo Vargas, o aumento de participação das indústrias goianas mostra que o PSQT não é apenas um prêmio, mais uma ferramenta que gera benefícios nos processos de gestão. A solenidade de premiação estadual será realizada no dia 1º de outubro.

Participam desta 12ª edição as empresas Brasilcenter Comunicações, Cargill Agrícola, de Goiânia e Itumbiara, Cipa Industrial de Produtos Alimentares Ltda, Companhia de Bebidas das Américas Cebrasa, Companhia de Bebidas das Américas, Dec Brasil, Equiplex Indústria Farmacêutica Ltda, Estação Goiânia Empreendimentos e Eventos, Eternit S/A, Futura Caminhões e Máquinas Ltda, Genix Indústria Farmacêutica Ltda, Gravia Esquality Ind. Metalúrgica Ltda, Jalles Machado S/A, Laboratório Teuto, Lajes Santa Inês Eng. Ind. e Comércio, MB Engenharia S/A, Nova Rocha Indústria e Tintas Ltda, Poligráfica Ind. e Comércio, Poli-Gyn Embalagens Ltda, Pontal Engenharia Construções e Incorporação, Rhede Transformadores, Rodrigues de Oliveira & Cia Ltda, Saborella Ind. Com. de Prod. Alimentares Ltda, Sama S.A Minerações Associadas, Sapeka Ind. Com. de Fraldas Descartáveis, Scitech Produtos Médicos Ltda, Tapajós Ind. Com. de Produtos Naturais, Teleperformance CRM, Treliças Centro-Oeste, Videplast Centro-Oeste Ltda, Votorantim Metais Níquel, Weldmatic Automotive Ltda, Zuppani Industrial Ltda e Belcar Caminhões.



Eternit: complexo industrial em Goiás também participou da edição 2007 do Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho

40 Goiás Industrial Maio/Junho 2007

É tempo de música

Realizado há 26 anos, Festival de Violeiros e MPB revela novos talentos e valoriza compositores e intérpretes entre trabalhadores na indústria

brasileiro é um povo esplendidamente musical", já dizia Mário de Andrade na obra Ensaio sobre a Música Brasileira, de 1972, que dá uma verdadeira aula sobre a história da música e, mais ainda, ressalta a importância dela no cenário da cultura brasileira. Conhecedor desse talento natural, o Serviço Social da Indústria - Sesi Goiás, promove, desde 1981, o Festival Sesi de Violeiros e MPB. O evento tem como objetivo promover a cultura goiana, descobrindo e valorizando compositores e intérpretes da música sertaneja, sertaneja raiz e MPB.

Para Alessandro Rezende da Silva, encarregado de equipe da Telemont Engenharia em Telecomunicações Ltda, o festival o incentivou a dar uma guinada na carreira artística. "Depois de participar do Festival de Violeiros comecei a fazer mais shows, apresentação em restaurantes, bares e confraternizações, foi uma grande mudança em minha vida", conta.

Silva se inscreveu na 24ª e 25ª edição do festival, e nos dois anos foi premiado. "Em 2005 participei em dupla, ficamos em segundo lugar na categoria sertanejo moderno e fomos revelação no evento", afirma. E continua: "Mas no ano passado foi emocionante. Apresentei-me sozinho, ganhei em primeiro lugar na categoria interpretação sertanejo moderno e conquistei também o primeiro lugar no sertanejo raiz."

O trabalhador artista ressalta que a empresa o apóia e o estimula a investir mais na carreira. "O Festival de Violeiros e MPB é um incentivo ímpar e um grande evento, pois, além de descobrir novos talentos, envolve toda a família, amigos, amantes da boa música brasileira que muitas vezes não têm a oportunidade de ver um grande espetáculo", finaliza.

O Festival Sesi de Violeiros e MPB é realizado pelo Sesi Goiás e procura integrar os trabalhadores da indústria, seus dependentes e toda a comunidade musical amadora, visando a descoberta de novos talentos compositores e intérpretes da música sertaneja de raiz e MPB.

As modalidades do festival são sertaneja, sertaneja raiz e música popular brasileira. Os participantes podem concorrer nas categorias interpretação e composição. As inscrições estão abertas até o dia 20 de julho nas unidades do Sesi em Goiânia, Aparecida de Goiânia, Itumbiara, Anápolis, Catalão e Rio Verde. Mais informações no site www.sesigo.gov.br ou pelo telefone (62) 3219-1313.



Versão 2006: premiação estimula guinada na carreira artística de Alessandro

Integração

Mais de 4,5 mil pessoas participaram das diversas atividades promovidas pelo Serviço Social da Indústria (Sesi Goiás), em parceria com a Rede Globo/TV Anhanguera, durante todo o dia 26 de maio, na Unidade Integrada do Sesi Senai, em Aparecida de Goiânia. O Esporte Cidadania promoveu atividades como futsal, futebol de campo, soçaite, cama elástica, voleibol, pingue-pongue, aulas de dança, avaliação de composição corporal, exame de glicemia, aplicação de flúor e outras.

Novas rodadas

O Programa de Comparação Interlaboratorial, promovido pela Rede Metrológica Goiás, determina o desempenho individual dos laboratórios

primeira rodada do Programa de Comparação Interlaboratorial, para laboratórios de análise de água, contou com a participação de 14 empresas que passaram pelo exame de três parâmetros: pH, turbidez e condutividade da água. Concluída em dezembro de 2006, a rodada apresentou resultados animadores, revelando porcentual satisfatório de 90% dos locais avaliados.

Dando continuidade ao programa e à boa repercussão que trouxe aos laboratórios participantes, a Rede Metrológica Goiás, por meio do ICQ Brasil, está programando para o próximo semestre de 2007 a segunda rodada interlaboratorial da água e a primeira de ensaios de sementes e de calibração de massa.

Os eventos, com data ainda a ser definida, auxiliarão os laboratórios participantes a determinar a exatidão dos resultados, além de ser recomendada a participação daqueles que buscam reconhecimento de acordo com os requisitos da norma NBR ISO/IEC 17025:2005.



Laboratórios de água, sementes e calibração de massa: avaliação comparativa no segundo semestre

Para o Brasil ver

Para divulgar iniciativas inovadoras da indústria, a CNI promove, em parceria com o Canal Futura, o programa Minuto da Qualidade

Minuto da Qualidade é um programa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Canal Futura que exibe, em apenas um minuto, iniciativas inovadoras na indústria e evidencia o trabalho desempenhado, apresentando para a sociedade os resultados e benefícios proporcionados.

Para este ano, a CNI selecionou, em Goiás, dois projetos para integrar o programa: o Exporta CIN, do Centro Internacional de Negócios da Fieg, e o trabalho realizado pelo ICQ Brasil, escolhido por sua iniciativa pioneira no Sistema CNI e pelo apoio que tem dado ao mercado nacional por meio da certificação de produtos e sistemas de gestão.

A produção do programa foi realizada em Goiânia nos dias 28 e 29 de maio, quando a equipe de filmagens de uma produtora contratada pela CNI esteve nas organizações Quali Print Cartuchos, Porto Seco Centro-Oeste e Construtora Moreira Ortence, certificadas pelo ICQ Brasil, para fazer a captação de imagens e depoimentos.

O programa será mostrado exclusivamente no Canal Futura, com previsão de três meses para a sua veiculação, que será reprisada durante um ano na programação da emissora.

SINDMÓVEIS

Oficina de design

Criar identidade própria para o setor moveleiro goiano foi uma das intenções da Oficina de Design de Móveis, ministrada por uma das "estrelas" do designer internacional Dijon de Moraes. A oficina é uma ação da célula empresarial do Projeto de Desenvolvimento do Setor Moveleiro da Região Metropolitana de Goiânia e do Sebrae em Goiás, que tem como objetivo desenvolver e fortalecer o segmento. Dezoito empresas participaram do projeto, que fez uma exposição no Flamboyant Shopping Center. De 6 a 10 de agosto, empresas goianas participam da Feira Internacional de Vendas e Exportação de Móveis (Fenavem), em São Paulo, uma das principais do setor na América Latina.





SINDILEITE I *Campanha publicitária*

O aumento do consumo de leite e derivados no Estado de Goiás atingiu o índice de 23% em relação ao do ano de 2005, segundo o Sindicato das Indústrias de Laticínios. Pioneira no Brasil, a campanha Beba Leite Todo Dia foi lançada em fevereiro de 2006 e oito meses depois elevou em 17% o consumo do produto. Ao monitorar todas as classes da população, uma pesquisa paralela indicou que nas classes B e C, que consumiam menos de 500 militros de leite/dia, chega a 28% o número de famílias que consome 1 litro/dia. Estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraíba já estão de posse de subsídios resultantes da campanha visando trabalho similar naquelas regiões.

SINDILEITE II *Aumento do preço*

A demanda internacional por leite em pó produzido no Brasil foi a causadora do aumento do preço para o consumidor final. Países tradicionalmente produtores, como Nova Zelândia, Austrália e da União Européia, tiveram problemas com a safra e estão buscando leite na América do Sul, em especial no Brasil, Uruguai e na Argentina. Cotada em US\$ 2,1 mil no início do ano, a tonelada de leite em pó atualmente custa US\$ 5 mil, o que tem provocado enxugamento do leite resfriado disponível no mercado. Especialistas dizem que a tendência é de normalização nos próximos meses, quando a tonelada do leite em pó deverá estar na faixa dos US\$ 3,5 mil.

SINROUPAS

Arraiá da Moda

Trabalhadores, empresários e profissionais de áreas afins se reuniram no Arraiá da Moda, no dia 22 de junho, para comemorar mais uma festa junina promovida na capital do Estado pelo Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia. A animação foi total, inclusive das crianças, segundo o presidente Frederico Martins Evangelista. A entrada foi a caráter – com pelo menos uma peça de roupa xadrez, o que, inclusive, está na moda –, com desfile caipira, quadrilha, muita maçã-do-amor, pipoca, amendoim torrado e pescaria.

SIMPLAGO

Impressão flexográfica

Inovações e Tendências da Impressão Flexográfica no Século XXI foi o tema do seminário promovido pelo Sindicato das Indústrias de Material Plástico do Estado de Goiás aos empresários e gerentes do setor, encerrado com almoço de confraternização no Lancaster Grill, no dia 12 de abril. No Senai Vila Canaã (foto), os trabalhadores participaram de debate sobre os principais problemas,

causas e soluções desse processo de impressão, com direito a certificado e coffee break, das 18h30 às 22h. Motivando Profissionais para o Sucesso!, com José Ricardo Aum, foi a palestra de abertura do seminário.



ADIGOO

SINDUSCON Eleição consensual

No próximo dia 16 de agosto tomará posse a nova diretoria do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás para o triênio 2007/2010, presidida pelo engenheiro Roberto Elias de Lima Fernandes. Após a eleição, no dia 4 de junho, houve confraternização entre diretores e colaboradores da entidade, em que o atual presidente, engenheiro Joviano Teixeira Jardim, foi homenageado com uma tela em acrílico da artista plástica Solange Soares Ferreira. Destaque especial para o descerramento da placa do auditório do Sinduscon, que leva o nome de José Alves Fernandes Filho, presidente da entidade entre 1983 e 1989.

SINDIBRITA

Na balança

Alguns segmentos da construção civil estão a todo vapor, como a incorporação de imóveis e edificações que consomem agregados como areia e brita. Mas obras públicas no setor de infra-estrutura quase não existem no momento. Para o diretor Uilson José Pinto, do Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de Goiás. Tocantins e Distrito Federal. o mercado de edificações está aquecido e o de infra-estrutura praticamente paralisado. Com isso, as indústrias produtoras de agregados para a construção civil têm condições trangüilamente de abastecer o mercado goiano.

SIFAEG I *Licença ambiental*

A atividade de produção agrícola de cana-deaçúcar e de industrialização de açúcar e álcool se desenvolve em Goiás dentro dos limites rígidos da lei e, portanto, não há qualquer motivo para medidas unilaterais suspendendo os licenciamentos de projetos de novos empreendimentos do setor sucroalcooleiro. Dessa forma, o Sifaeg/Sifaçúcar questionou a suspensão temporária dos licenciamentos ambientais para instalação de novos projetos de implantação de agroindútrias canavieiras no Estado. E diz que eles são dos mais rigorosos do País por passar pela prévia realização de Estudo de Impactos Ambientais, seguido de análise criteriosa. A agroindústria sucroalcooleira em Goiás é uma das atividades mais organizadas da economia e também uma das mais controladas e fiscalizadas. Sendo assim, a atividade de produção agrícola de cana-de-açúcar é a das que mais respeita e cumpre as normas legais de proteção de mananciais hídricos, de áreas de proteção permanente e reserva legal.

44 Goiás Industrial Maio/Junho 2007

SIFAEG II

Incentivos fiscais

Orientar empresários do setor sucroalcooleiro sobre os incentivos fiscais vigentes no Estado, por meio do Programa Produzir. Foi com essa finalidade que o Sindicato da Indústria de Fabricação de Álcool no Estado de Goiás assinou convênio com o governo de Goiás, via Agência de Fomento. Atualmente, o Sifaeg possui 24 empresas associadas, sendo que 16 contam com incentivos do Produzir, num total de quase R\$ 4 bilhões, com 15 mil empregos diretos em 13 municípios goianos. Outros 50 projetos estão em fase de estudo e implantação. A partir da assinatura do convênio pelo governador Alcides Rodrigues, pelo presidente da GoiásFomento, José Taveira, pelo diretor Múcio Bonifácio e pelo presidente-executivo do Sifaeg/Sifaçúcar, Igor Montenegro Celestino Otto, o sindicato estará apto a receber os documentos necessários para a formalização dos contratos com a GoiásFomento, instituição financeira responsável pelo programa.



SIFAEG III

Volta ao trabalho

Os Sindicatos da Indústria de Fabricação de Álcool e o de Açúcar do Estado de Goiás firmaram no dia 10 de junho, com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás, a convenção coletiva de trabalho rural canavieiro para a safra 2007/2008. Das 43 cláusulas convencionadas, destacam-se a tabela de preços para corte de cana-de-açúcar por produção, reajustada em 6% – 2,56% acima do índice da inflação do período, medida pelo INPC. O novo piso salarial foi fixado em R\$ 486,29 e a diária unificada ficou estabelecida em R\$ 16,21, ambos reajustados em 7%, com ganho real de 3,56% acima do índice da inflação do período. O trabalho rural canavieiro, que estava paralisado em alguns municípios, foi retomado no dia seguinte à convenção. Goiás deve colher 22,9 milhões de toneladas de cana nesta safra, volume 41,8% maior que o anterior.

SINDICALCE

Arranjos locais

Apesar dos problemas enfrentados pelo setor calçadista goiano com a baixa do dólar frente ao real e com a concorrência dos produtos chineses, o setor está otimista. O presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás, Flávio Ferrari, se reuniu em maio com o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, que garantiu R\$ 2,23 milhões para o Arranjo Produtivo Local (APL) de calçados, composto, inicialmente, por 20 empresas de Goiânia e Goianira. Recursos estaduais devem compor a iniciativa, além de apoio técnico de entidades parceiras. Ferrari levou projeto de APL, organizado pelo Sindicalce, Fieg/Senai, Sebrae, secretarias de Indústria e Comércio e Ciência e Tecnologia, que prevê diversas ações de desenvolvimento da indústria calçadista.

SINDTRIGO

Menos importações

Em parceria com a entidade, produtores serão estimulados a desenvolver trabalho para aumentar a produção de trigo no cerrado e reduzir as compras de outros Estados brasileiros e da Argentina. Esta é a diretriz da nova diretoria do Sindicato das Indústrias de Trigo do Centro-Oeste, que será comandada por André Lavor Pagels Barbosa, diretor-comercial da Cargill, nos próximos três anos. O novo presidente pretende criar cursos profissionalizantes nas áreas de moagem em parceria com o Sesi e desenvolver atividades para o crescimento da cadeia de trigo no Centro-Oeste, gerando cluster entre produtores, Embrapa, Faeg, entidades e moinhos, visando o crescimento do setor.



PSQT, ferramenta de gestão

Mas por que sua

empresa deve participar

do PSQT? Porque mais

do que o reconhecimento

da sociedade, ela terá a

oportunidade de analisar

SOLANGE QUEIJA

esde 1996 o Serviço Social da Indústria realiza o Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho, e temos observado uma crescente participação das empresas goianas o que comprova que os empresários têm percebido a importância de promover uma gestão voltada para a responsabilidade social.

O Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho objetiva reconhecer publicamente empresas que se destacam pela prática de gestão e valorização dos colaboradores.

Chegamos na 12ª edição do PSQT e fortalecemos a parceria com a Fundação Nacional da Qualidade alinhando formulação dos critérios de avaliação aos fundamentos da excelência em que se baseia o Modelo de Excelência da Gestão (MEG), conceitos que traduzem práticas encontradas em organizações de elevado desempenho.

Mas por que sua empresa deve participar do PSQT? Porque mais do que o reconhecimento da sociedade, ela terá a oportunidade de analisar o próprio desempenho por meio do relatório de avaliação, no qual o empresário conhecerá a satisfação dos colaboradores em relação às práticas de gestão e às melhorias que podem ser implementadas.

Assim a empresa terá condições de garantir

ao funcionário melhor condição de trabalho e incentivo à capacitação profissional, obtendo como resultado maior produtividade e comprometimento da equipe. E, para nossa satisfação, notamos o crescimento na participação das empresas goianas no Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho. Neste ano, contamos com 35 inscritas, um salto de 30% em relação ao ano anterior.

Observamos que a empresa ao se candidatar ao PSQT, já é considerada vencedora, uma vez que se propõe a adotar política de melhoria contínua em seus processos de desenvolvimento do colaborador para o pleno exercício de sua cidadania, inserção produtiva e incorporação de inovações.

Ressaltamos que essa iniciativa favorece uma convivência harmoniosa entre empregados e empregadores, bem como evidencia importante fator de competitividade para os negócios e, ao mesmo tempo, torna as empresas co-responsáveis pelo progresso onde atuam.

Neste ano as organizações que concorrem ao Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho são Brasilcenter Comunicações, Cargil Agrícola, de Goiânia e de Itumbiara; Cipa Industrial de Produtos Alimentares, Cebrasa, Companhia de Bebidas das Américas, Dec Brasil, Equiplex Indústria Farmacêutica, Estação Goiânia Empreendimentos e Eventos, Eternit, Futura Caminhões e Máquinas, Genix Indústria Farmacêutica, Gravia Esquality Indústria Metalúrgica, Jalles Machado, Laboratório Teuto,

> Lages Santa Inês, MB Engenharia, Nova Rocha Indústria de Tintas, Poligráfica, Poli-Gyn Embalagens, Pontal Engenharia, Transformadores, Rodrigues de Oliveira, Saborella Indústria e Comércio de Produtos Alimentares, Sama, Sapeka Indústria e Comércio de Fraldas Descartáveis, Scitech Produtos Médicos, Tapajós Indústria e Comércio de Produtos Na-

Oeste, Votorantim Metais Níquel, Weldmatic Automotive, Zuppani Industrial e Belcar Caminhões e Máquinas.

Parabenizamos todas essas empresas que confiam no trabalho do Sesi e destacamos o papel de cada uma como promotora da cultura de responsabilidade social na indústria brasileira, fazendo desta, ferramenta importante na condução da gestão empresarial.

o próprio desempenho turais, Teleperformance CRM, Treliças Centro-Oeste, Videplast Centro-

> (*) Solange Queija é coordenadora do Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho em Goiás

46 Goiás Industrial Maio/Junho 2007











COM A EXPRESS TRADING, VOCÊ APROVEITA TODAS AS OPORTUNIDADES QUE O COMÉRCIO EXTERIOR OFERECE.

AUMENTE SUA PRODUTIVIDADE ATRAVÉS DA AQUISIÇÃO DE NOVAS E MODERNAS MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS. O ATUAL MOMENTO DO MERCADO INTERNACIONAL É EXTREMAMENTE **FAVORÁVEL PARA IMPORTAÇÕES.** ATRAVÉS DA EXPRESS TRADING, VOCÊ PODE APROVEITAR ESTA OPORTUNIDADE E AMPLIAR SEU PARQUE FABRIL.

EXPRESS TRADING

A EXPRESS TRADING EXECUTA OPERAÇÕES DE IMPORTAÇÃO PARA TERCEIROS, DE QUALQUER GÊNERO DE MERCADORIAS. PARA TANTO POSSUI "KNOW HOW", TECNOLOGIA E PROFISSIONAIS EXPERIENTES NOS TRÂMITES RELATIVOS AO COMÉRCIO EXTERIOR.

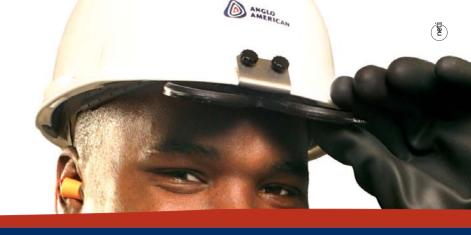
SERVIÇOS EXPRESS TRADING

- CONSULTORIA DE NEGÓCIOS
- PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO
- PLANEJAMENTO LOGÍSTICO
- PLANEJAMENTO ALFANDEGÁRIO
- EFETIVAÇÃO DO DESEMBARAÇO ADUANEIRO



www.expresstrading.com.br 62 3941-4849





A gente vê o Brasil com outros olhos.

A Anglo

American é um dos maiores grupos em mineração e recursos naturais do mundo.

No Brasil desde 1973, é responsável pela operação da

Mineração Catalão, Codemin e Copebrás, empregando hoje mais de 3.800 pessoas. Com a construção da Unidade Barro Alto – 1,2 bilhão de dólares, o maior aporte já feito pela empresa no país – vai gerar muito mais emprego e desenvolvimento. Para a Anglo, significa investir com confianca

desenvolvimento. Para a Anglo, significa investir com confiança

em crescimento sustentável: a capacidade de se tornar não apenas maior, mas ainda melhor

> para nossos parceiros, empregados e comunidades onde atuamos. Pessoas que compartilham com a gente a

> > visão de um horizonte cada

vez mais

promissor.



Mineração Catalão – ferronióbio Catalão e Ouvidor (GO)



Barro Alto – ferroníquel Barro Alto (GO)



Codemin – ferroníquel Niquelândia (GO)



Copebrás – fosfatados Cubatão (SP), Catalão e Ouvidor (GO)